A encarnação do afeto: mística e poesia

Este capítulo é o *coração* de nossa pesquisa. Através dele, desenvolveremos uma cristologia *teopoética* que também é mística, ou seja, advém de uma experiência vivida e interpretada à luz da fé.

Como já referido no primeiro capítulo, a linguagem da mística e da poesia são semelhantes. Utilizam-se de imagens, paradoxos, metáforas, antinomias, expressam sensações e sentimentos.

Neste capítulo sustentamos que é necessário à Teologia, enquanto ciência, reencontrar-se com a espiritualidade cristã. A palavra *encontro*, que como veremos adiante é de fundamental significado para a mística cristã, alimenta a esperança de uma união pós-divórcio que empobreceu a linguagem teológica¹.

O momento atual re-descobre para dentro da reflexão teológica o direito de cidadania da espiritualidade cristã, que não é simplesmente vulgarização teológica, mas fonte rica e consistente de ensinamento novo e irrepetível, sopro do Espírito na história, que permite à teologia de hoje dizer novas palavras².

A obra de Adélia Prado se torna preciosa por ser composta do encontro entre a experiência poética e mística; união e encontro que tem como origem o Mistério. E especialmente, o Mistério cristão. É na concretude do corpo, da vida, do cotidiano que Adélia se encontra com Jonathan/Jesus.

No percurso do capítulo destacamos elementos significativos: poesia como profecia e epifania, a encarnação poética de Deus, encontros poéticos e místicos, corpo e cotidiano, afeto e erotismo.

A cristologia *teopoética* adeliada é centrada, sobretudo, no Mistério da Encarnação. Uma cristologia que também inclui a dimensão da espiritualidade. Neste sentido, buscamos uma aproximação com a experiência mística na obra da Doutora Mística, Santa Teresa de Ávila.

¹ Cf. BINGEMER, M. C., Transcendência e corporeidade: a experiência de Deus segundo Adélia Prado. In: **Gragoatá**, n. 14. Niterói: EdUFF, 1996; SOBRINO, J., Espiritualidade e Teologia, In: **Liberación con Espíritu**, Santander: Sal Terrae, 1985. A partir do século XVI ocorreu um nefasto distanciamento entre teologia e espiritualidade que gerou perdas para ambos os lados. A espiritualidade ficou sem consistência e vigor, enquanto que a teologia perdeu em beleza e movimento tornando-se dedutiva e puramente doutrinal. Também MONDONI, D., **Teologia da espiritualidade cristã**. São Paulo: Loyola, 2002, dedica o primeiro e o segundo capítulo ao histórico da relação entre espiritualidade e teologia.

² BINGEMER, M. C., Transcendência e corporeidade: a experiência de Deus segundo Adélia Prado. In **Gragoatá**, p. 91.

Teresa exerce seu magistério sobre a oração como pedagoga e mistagoga. Como pedagoga, leva o orante pela mão nos caminhos de uma oração pessoal, centrada na relação com Jesus Cristo, Humanidade Sagrada; como mistagoga, aproxima-o, intelectual e afetivamente, dos mistérios de Deus-Trindade-amor que ela, Teresa, com tanta intensidade experimenta³.

Schillebeeckx considera que os místicos cristãos, incluindo Eckhart e João da Cruz, têm problemas relativos à cristologia e aponta duas místicas como exceção: Teresa de Ávila e Edwiges⁴.

Contudo, não se trata de uma cristologia que tenha foco numa dinâmica descendente ou ascendente. A personagem Jonathan expressa um *modo* de ser poético, um *modo* de ser humano, um *modo* de ser Deus. Jonathan: mistério encarnado e poetizado.

Além de Teresa de Ávila como interlocutora principal, nos utilizamos de autores teresianistas, quer dizer, daqueles estudiosos que pesquisam a obra da doutora: Tomás Alvarez, Segundino Castro, A. M. Arrondo, M. H. Garcia. Também dialogamos com outras áreas do saber trazendo A.G. Rubio, U. Tropa, R. May, G. Bataille, entre outros.

Nesse capítulo buscamos resgatar uma imagem bíblica que foi significativa ao cristianismo e que encontramos no Cântico dos Cânticos: a imagem dos amantes, dos enamorados. Como veremos, Cântico é um dos livros mais lidos e relidos de todos os tempos. Encontramos aproximações dessa experiência amorosa nos escritos de Adélia Prado, e de alguma forma, vislumbramos uma nova leitura dessa experiência (vivida no Cântico) para a contemporaneidade.

O percurso apresentado pela obra de Adélia Prado apresenta um amadurecimento da experiência de fé. Do Deus da ira da experiência do Primeiro Testamento para o Deus de Jesus Cristo, *Abbá*⁵.

³ PEDROSA-PÁDUA, L. Vida e significado de santa Teresa de Jesus. In: PEDROSA-PÁDUA, L.; CAMPOS, M. B. (Org), **Santa Teresa: mística para o nosso tempo**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2011, p. 42.

⁴ SCHILLEBEECKX, E., **Los hombres relato de dios**, p. 271-275. Os místicos cristãos têm a tendência a relativizar a cristologia, ou seja, têm dificuldades em articular a experiência histórica cristã na pessoa de Jesus Cristo. Segundo Schillebeeckx, corre-se o perigo de ver o cristianismo como um núcleo religioso metafísico imutável e supra-histórico. Um cristão não pode prescindir do fenômeno humano Jesus Cristo – Deus encarnado – em benefício de uma transcendência que subtraia toda a identificação.

⁵ Evidentemente é o mesmo Deus, trata-se de uma nova percepção do sujeito da experiência, por isso o amadurecimento da experiência de fé.

Também consideramos a cristologia adeliana como a etapa final de um processo que se inicia com uma cristofania, seguida de uma cristopatia, de onde emerge uma cristonomia e por fim, uma cristologia⁶.

Propusemos desenvolver aportes para uma cristologia *teopoética*, e neste sentido, apresentamos cinco principais elementos para esta composição: o conhecimento por experiência, o testemunho das Escrituras, o recurso à tradição, a dimensão antropológica e beleza e Eros (considerando beleza e Eros um elemento amalgamado). Em se tratando de cristologia, não poderíamos deixar de apontar alguns títulos cristológicos.

Na abertura deste capítulo, dissemos que ele era o *coração* da pesquisa e agora, para encerrar esta apresentação, voltamos a nos referir a essa imagem evocada. A mística cristã vivida como Mistério da Encarnação é afetiva e tem no coração o centro de sua *perfeição*⁷.

Consideramos que a experiência poética mística de Adélia Prado *revisita* a experiência de Teresa de Ávila expressa no século XVI. A Santa narra em sua biografia a experiência de uma ferida no coração, causada pelo dardo de um anjo⁸. De forma semelhante e de modo poético, Adélia Prado titula um livro *A faca no peito* para um conjunto de textos totalmente dedicado a Jonathan/Jesus. A ferida de amor é ferida mística, cicatriz indelével marcada na alma. Cristologia afetiva para os tempos de apatia...

2.1

“A poesia me salvará”

A inusitada frase de Adélia Prado – “a poesia me salvará” - nos convida a jogar luz sobre essa experiência de salvação. A Graça é a salvação oferecida por Jesus Cristo e para Adélia a compreensão se dá pelo poético, ou melhor, “por ela [poesia] entendo a paixão que ele teve por nós”⁹. Neste sentido, Adélia não está falando de uma “outra” salvação, mas sim de uma via para a compreensão da salvação cristã pela poesia, pela beleza. Ou ainda, que a experiência da beleza

⁶ Todas essas questões serão explicitadas neste capítulo.

⁷ Estamos utilizando uma palavra do repertório teresiano para expressar nossas reflexões.

⁸ Esta experiência será descrita mais adiante quando utilizaremos trecho do Livro da Vida de Teresa de Ávila. A experiência narrada por Teresa sempre causou impacto aos leitores, Bernini consagrou uma escultura a esta passagem da vida da Santa.

⁹ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 61.

(poesia) é salvífica. Também Paz chama a poesia de conhecimento e salvação¹⁰, e neste sentido, identificamos a categoria *participação* como elemento similar entre salvação “poética” e salvação cristã¹¹:

Há uma característica comum a todos os poemas, sem a qual nunca seriam poesia: a participação. Cada vez que o leitor vive realmente o poema, atinge um estado que podemos, na verdade, chamar de poético. A experiência pode adotar esta ou aquela forma, mas é sempre um ir além de si [...] A leitura do poema mostra grande semelhança com a criação poética. O poeta cria imagens, poemas; o poema faz do leitor imagem, poesia¹².

Se há uma condição salvífica da poesia, esta não se estabelece somente para o autor, na medida em que o poema se realiza na participação, na comunhão, que leva o leitor à recriação do instante original¹³.

João Gaspar Simões traça um itinerário com cinco passos da relação leitor e poesia. Inicia-se com o contato lógico e racional nos primeiros versos do poema; em um momento posterior surge inquietação, a inteligência não apreende a totalidade e o íntimo do que se lê; opera-se a suspensão das realidades emocionais cotidianas, tudo nos parece possível no mundo; em seguida a totalidade de arrebatamento, grandeza, originalidade; e finaliza-se com felicidade total, no sentido de uma compreensão de vida que nos era vedada, *sentimo-nos viver*¹⁴.

E ainda, “O ritmo poético não deixa de oferecer analogias com o tempo mítico; a imagem, com o dizer místico; a participação, com a alquimia mágica e a comunhão religiosa. Tudo nos leva a inserir o ato poético na zona do sagrado”¹⁵.

O espaço do sagrado tem na liturgia cristã o momento especial de adoração ao Mistério que é belo, e para Adélia, a linguagem utilizada no culto deve ser diferente do momento “razão” para o entendimento da fé cristã:

Na hora do catecismo eu posso falar bem, explicar direitinho. Mas na hora da celebração é celebração, é beleza, é adoração. E o culto que não permitir o mistério, que quiser explicar o mistério, picar o mistério em pedacinhos para a assembléia, ele está, exatamente, tentando domesticar Deus. Domesticar o indomesticável. A celebração é esta atitude de reverência diante do mistério!¹⁶

¹⁰ Cf. PAZ, O., **O arco e a lira**, p. 15.

¹¹ Os cristãos *participam* da salvação oferecida por meio de Jesus Cristo.

¹² PAZ, O., **O arco e a lira**, p. 30.

¹³ Cf. PAZ, O., **O arco e a lira**, p. 141.

¹⁴ Cf. SIMÕES, J. G., **O mistério da poesia**. Ensaios de interpretação da gênese poética. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1971, p 43-45.

¹⁵ PAZ, O., **O arco e a lira**, p. 141.

¹⁶ PRADO, A., Mística e poesia. **Revista Magis**. Cadernos de fé e cultura, n. 21. Disponível em: <http://www.clfcc.puc-rio.br/pdf/fc21.pdf>, Acesso em 29 de setembro de 2011.

Esta compreensão que a *teopoeta* nos apresenta é semelhante à de São Basílio no início do cristianismo. Vejamos como ele se referia às diferentes linguagens para expressar a fé cristã:

Não podemos então, falar agora nos mesmos termos. Ninguém se utilizaria dos mesmos meios para cultivar o solo e ir à guerra, uns sendo instrumentos de trabalho e outros armas de combate. Ninguém usaria a mesma linguagem, com a qual refuta adversários, para a exortação na sã doutrina. Um é o modo de persuadir, outro o de exortar; uma a necessidade de professar em paz a piedade, outra a dificuldade de resistir a uma doutrina enganadora¹⁷.

Para Adélia a poesia é liturgia, e assim como a poesia celebra o mistério do ser – “A fonte da poesia e da celebração litúrgica é uma só”¹⁸- na liturgia, o Mistério é celebrado por excelência. Poesia para Adélia é também instante e tempo litúrgicos. A poesia guarda este mistério e esta reverência, a arte torna-se uma mediação para o encontro com a divindade - poesia é oração¹⁹.

A arte tem esse papel, que é como "correr uma cortina"...Você vê! É o caráter "epifânico" da poesia. Se ela não faz isto, não acontece nada; mas se ela é verdadeira, acontece. Esse momento de beleza é o momento profundo, de profunda religiosidade. Você cai em adoração. Porque você está vendo algo inominável²⁰.

Beleza e desejo são necessidades humanas. A beleza não é um tema, mas a forma. Há pessoas que não suportam a beleza porque ela revela o Real, a pulsação das coisas²¹.

Veremos, a seguir, que o ‘processo salvífico’ que se inicia através da leitura da poesia de Adélia Prado é dinâmico, começa com a revelação do Primeiro Testamento – epifania e profecia - e manifesta-se plenamente na Encarnação de Jonathan/Jesus.

2.1.1 Epifania e Profecia

Consideramos vislumbrar a obra poética de Adélia Prado sob a ótica da revelação que se manifesta nas Sagradas Escrituras e apresentamos dois momentos: um momento relativo ao Primeiro Testamento que expressa consciência semelhante à Tradição Manifestativa (epifania) e também ao

¹⁷ GOMES, C. F., **Antologia dos Santos Padres**. São Paulo: Paulinas. 1979, p. 235.

¹⁸ PRADO, A., Mística e poesia. **Revista Magis**.

¹⁹ Cf. YUNES, E., Para gostar de Adélia. **Cadernos Magis**. Poesia como oração será abordada especificamente no terceiro capítulo desse trabalho.

²⁰ PRADO, A., Mística e poesia. **Revista Magis**.

²¹ Cf. PRADO, A., Mística e poesia. **Revista Magis**.

profetismo bíblico e o momento posterior, relativo ao Segundo Testamento, através da personagem Jonathan/Jesus, que será o principal tema desse capítulo – cristologia *teopoética*. Esta forma de apresentação em dois momentos não visa dicotomizar o conteúdo, já que o Segundo Testamento pressupõe o Primeiro, é apenas uma possibilidade de também vislumbrar um amadurecimento da experiência de Deus.

Para a nossa *teopoeta*, poesia é revelação, parusia, estado de graça e momento de júblio²². O poeta é um “pobre coitado”, mas se torna um profeta quando se coloca a serviço do Espírito: “O oráculo é aquela voz que fala pelo invisível, é o invisível falando através daquele instrumento. Mas tem profecia na poesia: você fala muito além do que você próprio está percebendo”²³.

No livro *Oráculos de maio*, Adélia Prado inicia com o poema *O poeta ficou cansado* e não quer mais ser arauto de Deus. A poeta quer fazer o pão, mas Deus só come palavras. Palavras que o profeta não quer proferir – “por que só eu devo tomar navios de rota que não escolhi?”²⁴ O profeta não domina a palavra, que é de Javé e Adélia também não domina a poesia.

Vocações da palavra: profeta e poeta - “Os vocativos / são o princípio de toda poesia / [...] convoca-me a voz do amor,/ até que eu responda/ ó Deus, ó Pai”²⁵.

Como observa A. Hohlfeldt, existe em Adélia Prado um envolvimento entre a palavra e o seu desejo íntimo de se tornar profeta e arauto de Deus através de sua poesia²⁶.

Aliada à visão de poesia como profecia, descortina-se também nas palavras de Eliana Yunes o aspecto epifânico da poesia adeliana: “Sua palavra poética, ao mesmo tempo profética, tem na poesia o que a prosa de Clarice Lispector, de outro modo, trouxera à literatura, irresistivelmente: **epifanias**” (grifo da autora)²⁷. Para Adélia, “a poesia, a poesia verdadeira é sempre epifânica”²⁸.

²² PRADO, A., *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 9, p.31.

²³ PRADO, A., *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 9, p.31.

²⁴ PRADO, A., *Oráculos de maio*, p. 9. Referência ao profeta bíblico Jonas. Adélia expressa o mesmo sentimento de alguns profetas, como Jeremias e Jonas, que não conseguem “fugir” do chamado divino.

²⁵ PRADO, A., *Poesia reunida*, p 309.

²⁶ HOHLFELDT, A., *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 9, p. 113.

²⁷ YUNES, E., Para gostar de Adélia. *Cadernos Magis*.

²⁸ PRADO, A., Mística e poesia. *Revista Magis*.

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior [...] oração, litania, epifania, presença²⁹.

De Paz ao paradoxo que Adélia nos apresenta: “O que me fada é a poesia. Alguém já chamou Deus por este nome? Pois eu chamo e não sou hierática nem profética e temo descobrir a via alucinante: o modo poético de salvação. Eu tenho medo porque transborda do meu entendimento”³⁰.

A poesia em Adélia – caminho apócrifo, via alucinante - é vínculo de afeto com Deus, expressa relação e intimidade – “poesia sois vós, ó Deus. / Eu busco Vos servir”³¹. Paz afirma que os poetas românticos não separam inteiramente o poético do religioso, há tanto uma concepção poética da religião quanto uma concepção religiosa da poesia³². Analogamente a R. Otto, que pensa a categoria do Sagrado *a priori*, os românticos consideram que a faculdade de poetizar é também uma categoria *a priori*³³.

Para Paz a experiência poética é criadora, uma possibilidade – e neste sentido, não pode ser algo já dado³⁴. Por outro lado, o Deus bíblico é um Deus-poeta por excelência, porque cria o mundo pela palavra (Gn 1). O Deus da Palavra, da liberdade e das possibilidades poética, narrativa e teológica.

A criação divina é pura poesia - é boa e bela aos olhos de Deus (Gn 1,10; 18; 21; 25; 31). Deus “encantou-se” com a própria criação.

Essa perspectiva – a criação é poesia de Deus - nos aproxima do olhar da “tradição” manifestativa do Antigo Testamento, que está no âmbito do conhecimento obtido através da experiência (pré-verbal)³⁵. Há um caráter epifânico bem representado em Sl 19 – “os céus contam a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos” e em Adélia para quem a “poesia é o

²⁹ PAZ, O., **O arco e a lira**, p. 15.

³⁰ PRADO, A., **Solte os cachorros**, p.18. Nesta citação, Adélia parece negar a condição profética da poesia, mas convém levar em consideração o contexto do livro e o modo literário de reproduzir fluxos de pensamento da autora. O medo da autora pelo não entendimento a faz não ser nem herática e nem profética porque isso seria pretensão, como segue o texto: “Eu disse que a crucificação estava lá, mas como veem, a ressurreição também. É complicadíssimo e, às vezes, tanto desejo do bem me faz pretenciosa. Eu me arrependo, entro na fila [...]”.

³¹ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 282.

³² Cf. PAZ, O., **O arco e a lira**, p. 203.

³³ Cf. PAZ, O., **O arco e a lira**, p. 203. Esta analogia não é acidental, segundo Paz: “A explicação não é diferente da que se une ao “sentimento de dependência” para fundar a divindade na subjetividade do crente.” A categoria do poético é um dos nomes do sagrado.

³⁴ Cf. PAZ, O., **O arco e a lira**, p. 20

³⁵ RUBIO, A. G., **Unidade na pluralidade**. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001, p. 117.

rastró de Deus nas coisas”³⁶. A Criação é *poiesis* de Deus, *mundo-dom* que o ser humano em sua abertura receptiva pode acolher³⁷.

Em entrevistas, Adélia costuma dizer que o poema *está aí*, sendo necessário apenas captá-lo ou colhê-lo (ou acolhê-lo). “Não sei por que certas situações me sequestram. Todo dia está lá o ipê carregado. Um belo momento aquilo me causa uma estranheza. É ela, a experiência de natureza poética chegando, pedindo um verbo, uma expressão”³⁸.

Adélia refuta a concepção de poesia como escrita cerebral feita com muito suor e sofrimento. O puro júbilo é pura poesia. No poema *A formalística*, a autora critica o jovem poeta que “fedendo a suicídio e glória” consegue roubar a serva de Deus – poesia – que caminha na estrada, mas não assina “Deus é impecável”, não reconhece a inspiração divina ou a natureza religiosa de toda poesia³⁹.

Reconhecer uma origem para a inspiração poética significa estar à escuta, à espreita sensível da poesia:

Não me importa a palavra, esta corriqueira. / Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe, / os sítios escuros onde nasce o "de", o "aliás", / o "o", o "porém" e o "que", esta incompreensível / muleta que me apóia. / Quem entender a linguagem entende Deus / cujo Filho é Verbo. Morre quem entender. / A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda, / foi inventada para ser calada. / Em momentos de graça, infrequentíssimos, / se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão. / Puro susto e terror⁴⁰.

Para Adélia, a poesia não é determinada pelo poeta, ele não escreve quando quer, não “arquiteta” no intelecto; o poético se manifesta em momentos de graça, infrequentíssimos.

A poeta encara a literatura como vocação, como um dom do qual ela não pode dispor quando bem deseja; a poesia é sua vocação e é resposta ao chamado de Deus – “a vocação é um afeto”⁴¹. Neste sentido e acompanhando o pensamento de Julián Marías, podemos entender que a vocação não é algo que se escolhe, nem é correto dizer que a pessoa se encontra com ela; a vocação é que nos encontra e nos chama, sendo assim uma descoberta e não uma imposição; se apresenta a nós

³⁶ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 353.

³⁷ Cf. RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, pp. 156-157. Mais referências à tradição manifestativa – a sabedoria e a grandeza do criador podem ser detectadas no mundo criado por Iahweh, o mundo criado é também revelação de Deus. Este reconhecimento leva o crente à adoração e louvor e traz consigo a experiência de comunhão com as diferentes criaturas.

³⁸ PRADO, A., Com o coração disparado. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 de setembro de 1997.

³⁹ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 376.

⁴⁰ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 22.

⁴¹ PRADO, A. *Manuscritos de Felipa*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 92.

e podemos permanecer frente a ela com uma essencial liberdade: podemos segui-la ou não, ser fiel ou infiel a ela⁴².

Se a inspiração é fundamental na obra da autora, por outro lado, ela não descarta o trabalho do poeta: “Sei que Deus mora em mim / como sua melhor casa. / Sou sua paisagem, / sua retorta alquímica / e para sua alegria / seus dois olhos./ Mas esta letra é minha”⁴³.

Outros autores também encontram semelhanças na obra de Adélia Prado com a literatura veterotestamentária⁴⁴ - Salmos, Cântico dos Cânticos, entre outros – e também uma perspectiva que apresenta os quatro primeiros romances da autora como os quatro evangelhos do Novo Testamento⁴⁵.

Contudo, o eixo principal da pesquisa, circula em linha cristológica. A Palavra Encarnada, Jesus Cristo e a partir do próximo item, adentramos nesse aspecto genuinamente cristão: a pessoa de Jesus Cristo, Encarnação do Verbo.

Veremos adiante que para a nossa *teopoeta* a poesia salva porque Jesus é poesia e a partir dele se relê a história da salvação que foi anunciada no Primeiro Testamento.

2.1.2 Condição poética: a Encarnação

Se no item anterior configuramos a poética adeliana em consonância ao Primeiro Testamento – epifania e profecia -, neste tópico vamos começar a realçar o caráter eminentemente cristão de sua poesia.

A experiência poética estética se revela em palavra - a palavra é a carne (ou o corpo) da experiência que antecede a própria palavra⁴⁶. Carne é a concretude, a visibilização da experiência através das palavras. O que a poesia desperta para a

⁴² Cf. MARÍAS, J., **Ortega: las trayectorias**. Madrid: Alianza Editorial, 1983, p. 24.

⁴³ PRADO, A., **Oráculos de maio**, p. 69.

⁴⁴ Relacionando alguns, o texto de Antonio Hohlfeldt em *Cadernos da literatura brasileira*, p. 69-119; de Vânia Cristina Bernardes. *A estética de amor em Salomão e Adélia*. In: *Colloquium Hamanarum*, v 4, n 1, Jun 2007. pp. 22-30.

⁴⁵ YUNES, E., Para gostar de Adélia. **Cadernos Magis**. “Solte os cachorros (1979), Cacos para um Vitral (1980), Os componentes da Banda (1984) e O homem da mão Seca (1994). Lidos em seu conjunto, parecem um único romance, com uma única personagem feminina em processo de construção e revelação, não importa que os nomes mudem, nem que se alterem os narradores em primeira ou terceira pessoa. Como se fossem quatro evangelhos, vão narrando a caminhada de paixão, morte e “ressurreição” de uma mulher, às voltas com o cotidiano doméstico, com aspirações de alma grande, aflições e agonias que, num crescendo, atingem um estado epifânico, de quase êxtase, em descobertas que vão do corpo à linguagem”.

⁴⁶ PRADO, A., **Cadernos de Literatura Brasileira**, n. 9, pp. 23-24

nossa autora é um grande mistério: “Para mim, é o corpo de Cristo; ela [poesia] é uma encarnação da divindade, é um experimento divino. E o máximo desse experimento é um Deus que tem carne, que no caso é Jesus. É o máximo de poesia possível”⁴⁷.

A Encarnação é o máximo de poesia possível. Encontramos em Adélia um referencial cristão estético que assume também uma perspectiva mística. Jesus Cristo é a Poesia visibilizada, que tem rosto e corpo. Jesus-poesia, máximo da beleza possível e a beleza é manifestação de Deus. A beleza não é uma forma puramente externa, é também uma forma que se irradia do fundo. Os cristãos são então vocacionados para o encontro com a beleza. Para Adélia, a beleza é vital.

Jesus Cristo é, neste sentido, a Glória de Deus ou o esplendor de Deus (Hb 1,3), e por isso, salvação para a humanidade. Em Jesus, manifesta-se a Glória de Deus – em movimento descendente – e a glória do ser humano – em movimento ascendente. Uma teologia estética será necessariamente cristológica. “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9), Jesus é o visível (forma) do Deus invisível. Deus tomou a forma humana em imagem, rosto, corpo, palavra poética e ação no mundo.

Jesus Cristo foi visto, tocado, sentido - situa-se a apreensão dessa realidade primeiramente no plano do sensível. Não há experiência cristã concreta, plena e real se esta não incluir uma experiência estética.

De outro modo, propomos realizar um exercício bíblico substituindo o termo “Verbo” pela palavra “Poesia” no prólogo de João: No princípio era a Poesia e a Poesia estava com Deus e a Poesia era Deus. Tudo foi feito por meio da Poesia e sem Poesia nada foi feito. O que foi feito nela é a vida, e a vida era a luz dos homens... A Poesia se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ela tem junto ao Pai (Cf. Jo 1,1-4; 14).

Por isso a criação é bela (poética) e dela Deus encantou-se, conforme já referido na relação com a Tradição Manifestativa das Sagradas Escrituras. Nada que vem de Deus é sem Poesia, está na origem da cosmogonia bíblica e se encarnou na história da humanidade na pessoa de Jesus Cristo – Jesus é Poesia.

Dissemos há pouco que esta perspectiva de Adélia é também mística e aprofundando nosso mergulho na poética adeliana, explicitaremos esta relação no tópico seguinte.

⁴⁷ PRADO, A., *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 9, p.24.

2.2 Mística e Encarnação

Já enumeramos, no primeiro capítulo, algumas semelhanças e diferenças entre a experiência poética e a experiência mística e também já identificamos alguns vestígios do *mysterium tremendum e fascinans* na poesia adeliana.

Neste segundo capítulo começamos a descortinar a *história poética da salvação* que Adélia Prado nos conta através de seus poemas. Em um primeiro momento, construímos uma leitura a partir da Bíblia e identificamos a *história poética da salvação* no Primeiro Testamento mediante a concepção de epifania e profecia de seus versos. Também identificamos uma matriz cristã para a concepção da estética adeliana: Jesus é Poesia de Deus. A estética (e mística) de Adélia tem fundamento em Jesus Cristo, ou seja, nos permite uma leitura teológica que indica o momento do Segundo Testamento na *história poética da salvação*: o momento Jesus Cristo.

Contudo, a experiência de Adélia é também mística e esta relação intrínseca não poderá ser descolada de sua poesia - “Os místicos são os que atestam que Deus é visível já agora pela fé ou pela visão”⁴⁸. Será a mística também uma experiência estética?

Nos próximos tópicos desenvolveremos a singularidade da experiência cristã: a pessoa de Jesus Cristo. A mística cristã é extática, não esotérica, e seu fundamento é Cristo crucificado e ressuscitado⁴⁹. Cristo pode ser visto, mirado, ad-mirado⁵⁰. É possível então compreendermos a experiência única de Adélia - estética teológica fundamentalmente mística.

É experiência pessoal, mas também vivida no seio de uma comunidade: “A missa é a coisa mais absurdamente poética que existe. É o absolutamente novo sempre. É Cristo se encarnando, tendo a sua Paixão, morrendo e ressuscitando. Nós não temos de botar mais nada em cima disso, é só isso”⁵¹.

⁴⁸ DEL GÊNIO, M. R., Mística. In: BORRIELO, L. et al., **Dicionário de mística**, p. 706.

⁴⁹ DEL GÊNIO, M. R., Mística. In: BORRIELO, L. et al., **Dicionário de mística**, p. 708. O autor desenvolve um pequeno histórico da mística cristã, do face a face bíblico até o século XX.

⁵⁰ Pelo Espírito podemos admirar e contemplar a Jesus Cristo e ainda O encontramos no irmão e irmã, na liturgia, na comunidade.

⁵¹ PRADO, A., “A missa é como um poema, não suporta enfeite nenhum”. **Agência Zenit**. Disponível em: <http://www.zenit.org/article-16922?l=portuguese>, acesso em 7 de outubro de 2011.

Adélia nos apresenta a liturgia como momento absurdamente poético, e de fato, em Adélia, o religioso é totalmente poético e *insuportavelmente* estético-místico como no poema *Missa das 10*.

Frei Jácomo prega e ninguém entende./ Mas fala com piedade, para ele mesmo / e tem mania de orar pelos paroquianos. / As mulheres que depois vão aos clubes, / os moços ricos de costumes piedosos, / os homens que prevaricam um pouco em seus negócios / gostam todos de assistir à missa de frei Jácomo, / povoada de exemplos, de vida de santos, / da certeza marota de que ao final de tudo / uma confissão 'in extremis' garantirá o paraíso. / Ninguém vê o Cordeiro degolado na mesa, / o sangue sobre as toalhas, / seu lancinante grito, / ninguém. / Nem frei Jácomo⁵².

Aspecto importante na realidade da Encarnação é a afirmação do corpo como um dado inalienável no processo de transcendência – “A experiência da Transcendência no cristianismo é a experiência de um Deus encarnado. Portanto, é uma experiência que passa pela corporeidade”⁵³.

Contudo, neste momento começaremos a desenvolver aspectos da cristologia *teopoética* a partir de uma experiência de *encontro*, encontro do “eu lírico” adeliiano com Jonathan/Jesus. A consequência do encontro é a relação amorosa que se estabelece entre eles. Nos dois próximos tópicos abordaremos essas questões relativas ao encontro e à relação na mística cristã e teremos como principal articulador Josef Sudbrack, cuja reflexão nos acompanha desde o início da pesquisa.

A relação amorosa que encontramos na poesia de Adélia Prado espelha a marca do amor místico: a ferida no coração. Encontramos semelhanças entre a experiência de Teresa de Ávila e de Adélia Prado na representação dessa experiência afetiva e intensa. Em Teresa, seu coração é ferido com um dardo e em Adélia a faca está no peito⁵⁴. Teresa é especialmente a interlocutora apropriada para o diálogo com Adélia, pois como veremos ao longo de todo este segundo capítulo, sua mística tem foco cristológico.

⁵² PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 323. Especificamente sobre esta poesia, há um trabalho interessante FERNANDES, R. R., A poesia mística da libertação: um estudo psicológico da Eucaristia. **Ciberteologia** Ano II, n. 14, pp. 24-30. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/artigos/adelia-prado-e-a-poesia-mistica-da-libertacao-um-estudo-psicologico-da-eucaristia> Acesso em 7 de outubro de 2011. Fernandes busca integrar aspectos do cristianismo por meio do arquétipo da alteridade tendo a eucaristia como ponto de encontro.

⁵³ BINGEMER, M. C., Transcendência e corporeidade: a experiência de Deus segundo Adélia Prado. In: **Gragoatá**, p. 92. Mais adiante dedicaremos um tópico a questão do corpo e do cotidiano, como realidades afirmadas a partir da Encarnação.

⁵⁴ Referência ao livro dedicado a Jonathan/Jesus, *A faca no peito*.

Posteriormente, continuaremos aprofundando a reflexão iniciada a partir da Encarnação e nossa pesquisa irá abordar a dimensão física do mistério sob o aspecto da integração do corpo: Sagrada Humanidade⁵⁵. A poesia de Adélia busca romper com os dualismos antropológicos e neste sentido, o corpo feminino é resgatado da condição de exílio em que a cultura patriarcal o colocou⁵⁶.

Em seguida à reflexão do corpo, abordaremos a perspectiva que o cotidiano revela na poesia de Adélia Prado - a mística da Encarnação⁵⁷ e da Graça - e por fim, faremos uma reflexão a partir do erotismo contido na teopoética adeliiana.

2.2.1

Mística cristã: encontro

No primeiro capítulo já apresentamos a diferenciação entre mística e mística cristã e agora retomamos o assunto para direcionar nosso foco à obra poética de Adélia Prado.

A mística não é uma experiência exclusiva do cristianismo e de forma geral, abraça o sentido de “união com Deus”, ou de tornar-se uno com Deus⁵⁸. É uma experiência que envolve a pessoa totalmente:

Em primeiro lugar, a experiência autêntica envolve a pessoa por inteiro: a imaginação, as emoções, a mente, a vontade, a memória e todas as outras faculdades espirituais e corporais. Portanto, ela implica sempre uma dimensão cognoscitiva, pela qual jamais é redutível a puro sentir. Enquanto experiência “vívica”, não é um fenômeno puramente transitório, porém um fato que dilata e enriquece o pensamento. Em termos cognoscitivos, articula-se entre dois pólos bem definidos: o objeto, que é fenômeno, ou aquilo que aparece, e o sujeito, que é saber e consciência da presença do objeto. Por esta razão, é *Erlebnis*, isto é, experiência “vívica” que faz referência ao sujeito e à esfera da interioridade, e *Erfahrung*, tensão para alguma coisa, ultrapassagem constante da esfera puramente subjetiva para relações e formas objetivas⁵⁹.

Embora a experiência mística “pertença” a todas as tradições religiosas, seguimos a interpretação proposta por Sudbrack quando este sugere a pergunta: “unidade quer dizer “o mesmo” ou o conceito não pretende eliminar as diferenças?”⁶⁰

Seguindo Buber, Sudbrack reforça dois momentos: a experiência da unificação da alma e a experiência da unidade dialógica. Esta segunda experiência

⁵⁵ Termo utilizado por Teresa de Ávila para se referir a pessoa de Jesus Cristo.

⁵⁶ Mais adiante explicitaremos essa relação a partir da poesia *Festa do corpo de Deus*.

⁵⁷ Já em referência no tópico.

⁵⁸ SUDBRACK, J., *Mística, a busca do sentido e a experiência do absoluto*, p. 25.

⁵⁹ GRECCO, C., *A experiência religiosa*, p. 48.

⁶⁰ SUDBRACK, J., *Mística, a busca do sentido e a experiência do absoluto*, p. 25.

é equivalente ao amor entre duas pessoas – um encontro amoroso. Uma mística do coração e do afeto – “a dualidade de um encontro afirma a verdadeira unidade, mas que só pode ser entendida com um “reconhecimento do coração”⁶¹.

A unidade do amor não dissolve a singularidade dos amantes antes, confirma a dualidade permanente e cada vez mais profunda daqueles que amam - constroem assim a personalidade própria dos parceiros⁶². Uma mística do amor e do diálogo que aprofunda a peculiaridade dos parceiros. A mística cristã é uma mística afetiva que ultrapassa a dimensão “eu” e o “Outro” para “eu” e “Você”⁶³, fundamentada na experiência do amor e confiança.

Trata-se da mística cristã corretamente entendida, uma unidade com o divino numa forma corretamente entendida: uma unidade que culmina na figura do amor; uma unidade (numa “proporcionalidade inversa”) dá ao parceiro uma maior independência; uma unidade que, como fruto do Espírito Santo, une mais ainda na medida em que fortalece o parceiro em sua independência; uma unidade de dois, que segundo Teilhard de Chardin é a lei básica da realidade criada por Deus⁶⁴.

Por esta perspectiva, a obra de Adélia Prado se desdobra revelando uma das imagens mais belas da mística cristã: os amantes (e enamorados). A relação que se estabelece entre o “eu lírico” e Jonathan recorda a imagem da Sulamita e do Pastor Amado em *Cântico dos Cânticos*. Mais uma vez, encontramos fortes registros da tradição bíblica em sua obra.

2.2.2 Encontro e relação com Jonathan

Como já referido no item anterior, consideramos que a poética mística de Adélia Prado se relaciona com a experiência de Deus como encontro, uma unidade que contém os diferentes.

A poesia de Adélia tem uma personagem-destaque, Jonathan, que “surge” no livro *O coração disparado* (1978) como Eliud Jonathan, nome que a mulher ocidental amaria ter se fosse homem. A *teopoeta* toma “o nome de Deus num

⁶¹ SUDBRACK, J., *Mística, a busca do sentido e a experiência do absoluto*, p. 31. O autor argumenta utilizando-se de vários autores; além de Buber, tem relevância o pensamento de Emmanuel Lévinas e Teilhard de Chardin.

⁶² SUDBRACK, J., *Mística, a busca do sentido e a experiência do absoluto*, p. 32. Crítica ao pensamento de Hegel – espécie de totalitarismo estatal que elimina as diferenças e as características pessoais.

⁶³ A substituição da palavra “Tu” por “Você” vem no sentido de tentar demonstrar mais intimidade e afetividade entre os parceiros.

⁶⁴ SUDBRACK, J., *Mística, a busca do sentido e a experiência do absoluto*, p. 73.

vão”⁶⁵ e o coração disparado só revela a verdadeira identidade de Jonathan no livro *O pelicano* (1987):

Não tem mar, nem transtorno político, / nem desgraça ecológica / que me afaste de Jonathan [...] meu amor se perfaz, indestrutível. / Eu suspiro por ele [...] Quero ver Jonathan / e com o mesmo forte desejo / quero adorar, prostrar-me, [...] Desde a juventude desejo e desejo / a presença que para sempre me cale [...] Eu canto muito alto: / Jonathan é Jesus⁶⁶.

A autora revela que o livro *O pelicano* saiu inteiramente do poema de mesmo nome, e “foi uma experiência muito forte e que me veio com sua forma própria”⁶⁷, uma obra de formação espiritual.

O nome do livro é referência à ave que abre o peito para alimentar seus filhotes com o próprio sangue quando não há alimento disponível. Por isso, guarda uma simbologia forte com a Paixão de Cristo – “Ó Misericórdia, eu disse / e pus minha boca no jorro daquele peito. / Ó amor, e me deixei afagar [...]”⁶⁸.

Em *A faca no peito*, Adélia continua tendo como centro de sua poesia a personagem Jonathan e embora o livro tenha sido duramente criticado⁶⁹, consideramos que sua cristologia encontra-se poeticamente madura neste livro: “eu te amo, Jonathan, / acreditando que você é Deus e / me salvará a palavra dita por sua boca [...] Falas como um homem, mas o que escuto é o estrondo / que vem do Setentrião. / Me dá coragem, Deus, para eu nascer”⁷⁰. A poeta balbucia por Jonathan, se consome em desejo por Jonathan – “Vou às paisagens do frio atrás de Jonathan”⁷¹, ou ainda “a saudade de Jonathan me perturba”⁷².

⁶⁵ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 155.

⁶⁶ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 357. Sem limitar a metáfora e a enigmática presença da personagem Jonathan, indicamos que esta também se apresenta ora como a própria poesia, ou como a voz narrativa da poeta, ora como o sexo masculino. Cf. OLIVA, C., **O discurso da alegria na poética de Adélia Prado**. Disponível em: http://www.alalite.org/files/rio_2007/docs/CleideOli-va.pdf, Acesso em 26 de outubro de 2011.

⁶⁷ PRADO, A., **Cadernos de Literatura Brasileira**, n. 9, p. 33.

⁶⁸ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 359. “Um dia vi um navio de perto. / Por muito tempo olhei-o / com a mesma gula sem pressa com que olho Jonathan: / primeiro as unhas, os dedos, seus nós. / Eu amava o navio. / Oh! Eu dizia. Ah, que coisa é um navio!. / Ele balançava de leve / como os sedutores meneiam. / À volta de mim, busquei pessoas: / olha, olha o navio / e dispus-me a falar do que não sabia / para que enfim tocasse / no onde o que não tem pés / caminha sobre a massa das águas. / Uma noite dessas, antes de me deitar / vi – como vi o navio – um sentimento. / Travada de interjeições, mutismos, / vocativos supremos balbuciei: / Ó Tu! E Ó Vós! / - a garganta doendo de chorar. / Me ocorreu que na escuridão da noite / eu estava poetizada, / um desejo supremo me queria. / Ó Misericórdia, eu disse / e pus minha boca no jorro daquele peito. / Ó amor, e me deixei afagar, / a visão esmaecendo, / lúcida, ilógica, verdadeira como um navio”.

⁶⁹ Adélia comenta que ficou abalada com a crítica de Felipe Fortuna em **Cadernos de Literatura Brasileira**, n. 9, pp. 30-31.

⁷⁰ PRADO, A., **A faca no peito**. Record: Rio de Janeiro, 2007, p. 84.

⁷¹ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 345.

Encontra-se na poesia adeliana um caráter semelhante ao da oração, expressando assim sua dimensão relacional. É um *voltar-se* para Deus, um *dirigir-se* a Deus por palavras que expressam não só adoração e júbilo, mas também as inquietudes e desejos humanos. Em poucas linhas, Adélia consegue expressar tanto adoração quanto desejo: “Quero ver Jonathan / e com o mesmo forte desejo / quero adorar, prostrar-me, / cantar com alta voz Panis Angelicus”⁷³.

O foco cristológico dos livros *O pelicano* e *A faca no peito* marca a singularidade da poesia da autora – cristã e mística. É uma experiência de relação que se expressa intensa e afetivamente na poesia: “Me mata Jonathan, com sua faca, / me livra do cativeiro do tempo / quero entender suas unhas”⁷⁴.

A cristologia de Adélia Prado é afetiva. Expressa a experiência de uma relação pessoal que a move e a co-move em todos os sentidos – “Não sei como ser humana. / Saberei, se Jonathan me amar [...]”⁷⁵. Jesus, que amou tanto a humanidade, encarna em Jonathan a sua expressão mais afetiva. A humanidade da poeta se relaciona com a experiência do amor de Jonathan a ela – “Jonathan que amo é divino, / acho que é humano também”⁷⁶. Mas, para garantir o paradoxo poético e místico, ela também expressa: “Jonathan é apenas um homem, / se lhe torceres o lábio zombeteira / a lança dele reflui”⁷⁷.

A cristologia poética adeliana é mística amorosa. Há encontros fortuitos e escondidos em *Bilhetes da ousada donzela*⁷⁸, pedidos para telefonar e dar sinal de vida em *A carta*⁷⁹ e até sensação de morte de tanto amor em *A seduzida*⁸⁰.

Jonathan é a experiência de um Deus-afetivo que se envolve na vida humana em todas as suas dimensões. É a experiência de um Deus que afeta o humano em sua profunda singularidade, que é encontro com uma amorosa experiência de Deus.

⁷² PRADO, A., **A faca no peito**, p. 81. Este poema foi retirado do livro *Poesia Reunida* devido à crítica de Felipe Fortuna, portanto só é possível encontrá-lo no livro *A faca no peito*. Deste livro os seguintes poemas - doze ao todo - foram retirados posteriormente em *Poesia Reunida: Biografia do poeta*, A morte de D. Palma Outeiros Consolata, O holocausto, O demônio tenaz que não existe, Gritos e sussurros, Mandala, Carta, Prodígios, Trindade, Não-blasfemo, Pastoral, O aprendiz de ermitão. Entretanto, consideramos estas poesias, pois elas guardam um sentido cristológico pertinente ao estudo desta pesquisa.

⁷³ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 357.

⁷⁴ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 392.

⁷⁵ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 402.

⁷⁶ PRADO, A., **A faca no peito**, p. 75.

⁷⁷ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 379.

⁷⁸ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 401.

⁷⁹ PRADO, A., **A faca no peito**, pp. 65-67.

⁸⁰ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 396.

Amo Jonathan. / Eis aí o monocórdico, diarréico assunto. / ‘Ele quer te ver’,
alguém disse no sonho. / E desencadearam-se as formas onde Deus se hominiza
[...] / Jonathan quer me ver. / Pois que veja. / O diabo uiva algemado nas
profundezas do inferno, / enquanto eu / tiro o corpo da roupa⁸¹.

2.2.3

Do coração transpassado à faca no peito

A mística cristã guarda uma forte referência afetiva e mesmo erótica⁸²,
vide os testemunhos de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz. Nesta pesquisa
encontramos algumas afinidades entre a mística teresiana e a experiência poética
de Adélia; além do gênero – feminino -, as autoras expressam uma semelhança de
metáforas. Teresa narra uma experiência no livro *Vida* (29, 13) que é descrita
como a “graça do dardo” ou o coração transpassado.

Quis o Senhor que eu tivesse algumas vezes essa visão: eu via um anjo perto de
mim, do lado esquerdo [...] não era grande, mas pequeno e muito formoso [...] vi
que trazia nas mãos um comprido dardo de ouro, cuja ponta de ferro, julguei que
havia fogo. Eu tinha impressão de que ele me perfurava o coração com o dardo
algumas vezes, atingindo-me as entranhas. Quando o tirava, parecia-me que as
entranhas eram retiradas e eu ficava toda abrasada num imenso amor de Deus⁸³.

Embora a *teopoeta* afirme que nunca teve um rapto como Santa Teresa em
*O penitente*⁸⁴, todo o livro *A faca no peito* trata de sua consagração a Jonathan. O
coração alegre em *Laetitia cordis*, foi ferido pela faca no peito e pela beleza -
“como o homem é belo, / como Deus é bonito”⁸⁵. O coração de Adélia “quer
saltar, / bater do lado de fora, / como o coração de Jesus”⁸⁶.

Ambas as autoras colocam o foco de sua experiência mística e/ou poética
no coração – delas e de Jesus Cristo. Tanto o dardo de Teresa como a faca de
Adélia atingem diretamente o este órgão vital. Será possível ser o ferimento a
experiência da misericórdia (*miseri + cordis*) divina? “O misericordioso pôs nos
ombros / sua ovelha mais fraca”⁸⁷.

⁸¹ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 345.

⁸² Cf. BATAILLE, G. *O erotismo*. Lisboa: Moraes, 1980, p. 29. “O erotismo é um dos aspectos da
vida interior do homem. Se não nos damos conta disso, é porque o erotismo busca
incessantemente fora dele um objeto de desejo. Esse objeto, contudo, corresponde à
interioridade do desejo” (grifo do autor). No capítulo terceiro faremos referência aos espaços
interior e estético em uma perspectiva antropológica dinâmica.

⁸³ ÁVILA, T., *Escritos de Teresa de Ávila*, p. 194.

⁸⁴ PRADO, A. *A duração do dia*. Record: Rio de Janeiro, 2010, p. 65.

⁸⁵ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 377.

⁸⁶ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 377.

⁸⁷ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 337. Sudbrack comenta que a imagem do pastor que abandona
as 99 ovelhas por uma é completamente absurda, mas que os místicos compreendem a verdade

Pela oração, observamos que a relação de Santa Teresa com a Sagrada Humanidade de Cristo também tem um forte componente imagético, estético e sedutor.

A pessoa pode imaginar que está diante de Cristo e acostumar-se a enamorar-se da Sua sagrada Humanidade, [...] pedindo-lhe auxílio em suas necessidades [...] e sem procurar orações prontas, preferindo palavras que expressem seus desejos e necessidades [...] Para isso, não façamos caso de não ter devoção sensível [...]”⁸⁸ (*Vida 12,2-3*).

É esta dimensão do sensível-afetivo, tanto do poético em Adélia quanto da mística em Teresa, que faz a aproximação entre as experiências das duas autoras. Adélia dedica uma poesia a Santa Teresa e nela expressa: “o que me dá alegria não faz rir. / É vivo e sem movimento. / Quando desaparece / todos os meus ossos doem”⁸⁹. A experiência também é sentida no corpo, este objeto sensível ao êxtase, à alegria e à dor. A humanidade de Cristo afirma o corpo imagem e sensível. A mística do coração perpassa o corpo inteiro:

O corpo não tem desvãos, / só inocência e beleza, / tanto que Deus nos imita / e quer casar com sua Igreja / e declara que os peitos de sua amada / são como os filhotes gêmeos da gazela. / É inútil o batismo para o corpo. / O que tem suas leis se cumprirá. / Os olhos verão a Deus⁹⁰.

A mística do encontro, do coração ferido, do afeto, do sensível atesta a importância de uma experiência cristã que perpassa a pessoa por inteiro, sem alienação do aspecto corporal.

Sudbrack aponta como exemplo de unidade mística cristã a prece de Jesus no monte das Oliveiras, momento em que ocorre o fenômeno da transfiguração (Mt 17,1-8; Mc 9,2-8 e Lc 9,28-36), que *afeta* o corpo/rosto de Jesus a ponto de transfigurá-lo⁹¹.

A poesia de Adélia é também oração-relação, trato de amizade e de amor com Deus-Jonathan, a humanidade *poetizada* de Deus⁹². Jonathan é a expressão de uma cristofania poética que está presente principalmente nos livros *O pelicano* e *A faca no peito*. Neste último, sua poesia está mais concreta, como que

existencial dessa imagem: “a ovelha negra do pecado sou eu”. SUDBRACK, J., **Mística, a busca do sentido e a experiência do absoluto**, p. 86.

⁸⁸ ÁVILA, T., **Escritos de Teresa de Ávila**, p. 82.

⁸⁹ PRADO, A., **A duração do dia**, p.83.

⁹⁰ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 318.

⁹¹ SUDBRACK, J., **Mística, a busca do sentido e a experiência do absoluto**, p. 79. Embora o autor não dê importância ao aspecto corporal e sim a entrega e confiança de Jesus, ainda assim isso se tornou visível corporalmente.

⁹² Sugerimos que a troca de nome de Jesus para Jonathan, guarda a dimensão poética e também respeitosa distância frente ao mistério cristão da encarnação.

afirmando a concretude corporal da Encarnação e da Palavra e a maior intimidade e amadurecimento na relação com Jonathan.

Já o livro que se sucede, *Oráculos de maio*, traz a dimensão do Mistério da Encarnação via Maria, mãe de Deus – “Maria, / roga a teu filho que me mostre o Pai”⁹³. Percebe-se, mais uma vez, a dimensão devocional da poética de Adélia, que agora pede a intercessão de Maria. Maria, Mãe de Deus, é aquela que cede seu corpo e sua pessoa para o abrigo e a gestação do menino-Deus.

Em perspectiva teológica, a afirmação concreta da Encarnação que encontramos em *O pelicano* e *A faca no peito* leva a consequência imediata de poetizar a “outra” parte visibilizada desse Mistério, que *se encontra e se oculta* na mulher que foi escolhida para abrigar em si mesma esta relação tão íntima com Deus⁹⁴. O Filho de Deus nascido de mulher (Gl 4,4).

Há na obra de Adélia Prado - e ela mesma afirma - uma progressiva consciência da experiência de Deus. De um Deus do Antigo Testamento para um Deus de amor, o Deus de Jesus Cristo⁹⁵. A experiência de fé “sofre” um processo de amadurecimento que, de alguma forma, depende também de um processo de amadurecimento psicoafetivo⁹⁶.

Jesus-Jonathan representa a encarnação do afeto divino que toca e fere de amor o ser humano no símbolo de sua integridade: o coração⁹⁷.

Além da figura central cristológica, as místicas Adélia e Santa Teresa⁹⁸, dedicam atenção ao texto bíblico Cântico dos Cânticos⁹⁹ que expressam a odisséia amorosa entre a Sulamita e seu Amado. Aventura, busca, desejo e coração

⁹³ PRADO, A., *Oráculos de maio*, p.119.

⁹⁴ Como um paralelo: Depois da afirmação do Concílio de Nicéia (325) sobre Jesus Cristo, segue-se a afirmação de Éfeso (431) de Maria como Teotokos.

⁹⁵ PRADO, A., *Poesia reunida*. Também RUBIO, A. G., *A caminho da maturidade afetiva*. São Paulo: Paulinas, 2008, no capítulo 2 expressa a necessidade de superação do infantilismo religioso para um encontro efetivo (e afetivo) com o Deus de Jesus Cristo. A revelação bíblica aponta para um caminhar pedagógico superando as projeções infantis como a imagem do Deus providente, “quebra-galho” (projeção materna) ou do Deus da lei e do castigo (projeção paterna).

⁹⁶ Cf. RUBIO, A. G., *A caminho da maturidade afetiva*, p. 99-101. “[...] a fé é um dom, mas que encontra na maturidade psicoafetiva o substrato antropológico que possibilita a experiência adulta do Deus da revelação bíblica” (100-101).

⁹⁷ Na tradição bíblica, o coração é o símbolo do homem interior, é acima de tudo, o lugar do entendimento e da razão, da reflexão e da decisão – “o coração reelabora e reordena as impressões que vêm de fora” Cf. SCHROER, S.; STAUBLI, T., *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 62.

⁹⁸ Santa Teresa tece comentários sobre Cântico dos Cânticos em *Conceitos do Amor de Deus*, parte integrante, talvez menos conhecida de sua extensa obra de escritora.

⁹⁹ Esse amor “poetado” e cantado foi, provavelmente, o texto mais interpretado e traduzido em toda a história da literatura mundial, segundo CAVALCANTI, G. H., *O Cântico dos Cânticos*: um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 13.

ardendo são expressões que se adéquam aos textos dos Cânticos, de Teresa e de Adélia. A expressão do amor da Sulamita para com o amado sugere uma experiência significativa de desejo, união e encontro.

E é porque o gênio religioso hebreu percebeu em sua poesia um verdadeiro tesouro da palavra, do pensamento e da expressão, na descrição do amor e do anseio da alma por Deus, como exemplificado pela Sulamita ao seu amado, que ele foi preservado como uma jóia literária nacional e finalmente incluído entre os textos sagrados¹⁰⁰.

O texto bíblico é um poema de Amor que sempre interpelou a tradição judaico-cristã e adquiriu status na literatura mundial, inspirando e influenciando as artes como a música, a dança, a escultura, o cinema, entre outras - ainda hoje suscita novas traduções, interpretações e leituras¹⁰¹.

2.2.4 Fora do corpo não há salvação

Aprofundando a reflexão na dimensão da Encarnação, encontramos-nos com a dimensão física e corporal do Filho de Deus e sua Sagrada Humanidade. A salvação cristã tem corpo, tem matéria e forma física e, neste sentido, pode-se dizer que fora do corpo não há salvação.

Tanto na prosa como na poesia, Adélia sente a materialidade do corpo e parece estar fazendo uma “ascese invertida”¹⁰², na qual não se abre mão do corpo para elevar o espírito, mas sendo o espírito que preenche o corpo/matéria, então nada é mau, “o corpo não tem desvãos”¹⁰³ e “é inútil o batismo para o corpo”¹⁰⁴.

O corpo é a identidade e singularidade da pessoa no mundo. Ele é parte integrante da comunicação pessoal, das relações, e também comunica sentimentos e afetos. “Deus não me fez da cintura para cima pro diabo fazer o resto”¹⁰⁵, diz a personagem principal de *Os componentes da banda*.

Neste sentido, identificamos uma busca de integração; sua obra apresenta uma dinâmica antropológica que tenta romper com a história de dualismos que faz parte do pensamento ocidental – de Platão a Descartes¹⁰⁶ - e que se infiltrou no cristianismo. “Como um tumor maduro /a poesia pulsa dolorosa, /anunciando a

¹⁰⁰ CAVALCANTI, G. H., *O Cântico dos Cânticos*, p. 40.

¹⁰¹ Cf. CAVALCANTI, G. H., *O Cântico dos Cânticos*, p. 175-188.

¹⁰² YUNES, E., Para gostar de Adélia. *Cadernos Magis*.

¹⁰³ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 318.

¹⁰⁴ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 318.

¹⁰⁵ PRADO, A., *Os componentes da banda*, p. 43.

¹⁰⁶ Cf. RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 95-107.

paixão: “Ó crux ave, spes única/ Ó passiones tempore”. /Jesus tem um par de nádegas! /Mais que Javé na montanha /esta revelação me prostra”¹⁰⁷.

Jesus tem nádegas, tem um corpo, tem matéria, tem carne. Adélia vê pelo *avesso* da cruz, não se vê o par de nádegas de Jesus crucificado, mas o “par” está lá... Oculto e revelado pela palavra poética. Sim, é uma teologia mística do avesso, do verso, do poético-alucinante. É revelação e não evidência.

O corpo é veículo de comunicação, fala por gestos, expressões, olhares e até pela boca. É no corpo e através dele que estamos-aí-no-mundo. Ao mesmo tempo, o corpo que se realiza na imanência é também veículo para a transcendência na medida em que Deus se fez *corpo* - “Sei agora, a duras penas,/ porque os santos levitam. / Sem o corpo a alma de um homem não goza./ Por isto Cristo sofreu no corpo a sua paixão [...]”¹⁰⁸.

A dimensão do corpo crucificado é visível e, ao mesmo tempo, revela uma tensão para o invisível do Mistério – “Ó mistério, mistério, / suspenso no madeiro / o corpo humano de Deus”¹⁰⁹.

A *festa* do corpo de Deus denuncia flagelos corporais femininos: “Nisto consiste o crime, /em fotografar uma mulher gozando /e dizer: eis a face do pecado. /Por séculos e séculos /os demônios porfiaram /em nos cegar com este embuste”¹¹⁰.

Há uma crítica à cultura “de homens” que desconfia da mulher que tem prazer sexual e corporal. É uma história de longa duração, que o cristianismo fundamentou bíblicamente em Eva, aquela que leva Adão a pecar. Interessante a autora fazer referência ao diabo, pois, segundo Jean Delumeau, o que ocorreu na história do Ocidente foi a “diabolização da mulher”¹¹¹, que na poesia de Adélia é identificada como a própria “obra do diabo”. “Diabolizar” o corpo da mulher, só pode ser obra do diabo, pois o que Deus revela na cruz é a inocência da carne e o

¹⁰⁷ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 279.

¹⁰⁸ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 347.

¹⁰⁹ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 279.

¹¹⁰ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 279.

¹¹¹ DELUMEAU, J., *A história do medo no ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2009, pp. 476-489. O autor fala de uma cultura do medo que necessitava de “bodes expiatórios”, como forma de “descarregar” a agressividade latente pelo medo constante. A mulher é considerada o “diabo doméstico”, não é confiável, tem práticas infames, é dada a vícios, é enganadora, enfim, é a própria representação do Diabo encarnado. O livro *O martelo das feiticeiras* é o ponto alto de uma história de desprezo pela mulher e sua identificação com o diabo.

amor ao corpo. É uma inversão na leitura baseada em uma experiência de mulher e de humanidade.

E teu corpo na cruz, suspenso. /E teu corpo na cruz, sem panos: /olha para mim. /Eu te adoro, ó salvador meu /que apaixonadamente me revelas /a inocência da carne. /Expondo-te como um fruto /nesta arvore de execração /o que dizes é amor, /amor do corpo, amor¹¹².

Festa do corpo de Deus faz um itinerário que se inicia no corpo de Jesus (na cruz) – corpo humano de Deus – passando pelo corpo da mulher e retornando ao corpo de Jesus na cruz. Não remete à paixão de Cristo enquanto dor física e corporal, mas a paixão vivida na cruz parece estar associada ao gozo no corpo feminino, à revelação da inocência da carne e ao amor do corpo. A cruz revela um corpo quase nu: “*E teu corpo na cruz, sem panos*”. A nudez de Deus, o Deus humano despido e despojado na cruz revela-se como um corpo pulsante, vivo em inocência, desejo e amor.

2.2.5

O cotidiano – mística da Encarnação e da Graça

Junto com o corpo, o cotidiano é um dos principais temas da poesia adeliана que nos remetem à mística fundamentada na Encarnação. A prosa de nossa autora também está recheada da trama cultural e social do dia a dia de cidade do interior.

O cotidiano é a matéria-prima de sua obra.

Minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extra-ordinário). E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano, que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida¹¹³.

Esta última citação da autora revela sua percepção do Mistério como constantemente presente na vida humana. O cotidiano é um grande tesouro – acessível a todo ser humano - e a arte permite revelar o transcendente na vida cotidiana.

Onde é que estão os grandes temas? Para mim, aí é que está o grande equívoco. O grande tema é o real, o real; o real é o grande tema. E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana. Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho esta vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irreprímíveis. É nisso que a metafísica pisca para mim. E a coisa da transcendência,

¹¹² PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 279.

¹¹³ PRADO, A., Adélia Prado garimpa poética do cotidiano. *Revista Cult*. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/adelia-prado-garimpa-poetica-do-cotidiano>, Acesso em: 5 de junho de 2010.

quer dizer: a transcendência mora, pausa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas¹¹⁴.

Adélia é afetada pela cena do dia a dia e o cotidiano se torna o lugar privilegiado da sua expressão poética. Assim, um simples ato conjugal – preparar refeição – se situa como um sinal de amor. Adélia expressa o sentimento ‘oculto’, o ‘não falado’, de uma simples ação doméstica:

a coisa mais fina do mundo é o sentimento. / Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, / ela [mãe] falou comigo: / ‘Coitado, até essa hora no serviço pesado’. / Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente. / Não me falou em amor. / Essa palavra de luxo¹¹⁵.

Sua poesia toca na dimensão doméstica da vida, no cotidiano de uma cidade do interior – “na minha cidade, nos domingos de tarde, / as pessoas se põem na sombra com faca e laranjas”¹¹⁶ - e através dessa realidade surge a consciência de estar-no-mundo. Expressa relações familiares como no poema *Os tiranos*: “Joaquim meu tio foi imperturbável ditador. / Só uma de minhas primas se atreveu a casar-se”¹¹⁷. Sua poesia constantemente faz referência a pai e mãe, expressa saudade, desejos, angústias em meio ao trem poético que passa por Divinópolis – “foi quando o trem passou / em grande composição”¹¹⁸.

Poetizar sobre o dia a dia é versar sobre a rotina, sobre o prosaico, o ‘pequeno’, o repetitivo. Ações simples adquirem “outros” significados como em *O corpo humano*: “embora ainda não seja santa de levitar / achei no escuro a bolsa de água quente”¹¹⁹. O cotidiano é rico de simbolismo, como se dissesse “quem tem olhos para ver que veja!” A beleza que dá significado ao cotidiano é captada e re-produzida através da sua poesia.

O Deus encarnado é o Deus que entra na vida cotidiana de todos os seres humanos, que participa do dia a dia, da família; é Deus que se insere na rotina de ser humano, nas relações, nos afetos, na contingência e na fragilidade. A Encarnação traz a possibilidade de sacralizar todas as dimensões da experiência humana – um Deus que não se encontra somente em ritos específicos, em cultos

¹¹⁴ PRADO, A., A linguagem mística do cotidiano. **Revista Língua**. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11654>, Acesso em 5 de junho de 2010.

¹¹⁵ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 116.

¹¹⁶ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 43.

¹¹⁷ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 257.

¹¹⁸ PRADO, A., **Cadernos de Literatura Brasileira**, n. 9, 4ª capa.

¹¹⁹ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 286.

ou em templos, que pode ser encontrado nos afazeres de uma rotina como buscar água em um poço (cf. Jo 4).

A mística na obra de Adélia Prado se concentra, sobretudo, na experiência do cotidiano, que por sua vez, se sustenta na experiência de fé cristã da poeta. Isto significa que a mística da poesia adeliana se realiza no interior da fé cristã, na acolhida da Revelação e do Mistério que permanece. Assim como a Encarnação é o máximo de poesia possível, o cotidiano poetizado se torna o espaço para a vivência e visibilização da fé e da experiência mística cristã. É possível a experiência mística no meio do mundo e do cotidiano e não só em recolhimento monástico¹²⁰, e segundo Velasco, o futuro da religião cristã depende de realização dessa experiência que leve em consideração as circunstâncias concretas da vida¹²¹.

Na tradição do Ocidente existe uma concepção de que a experiência religiosa é privilégio de uns poucos, mormente relacionada à vida religiosa e monástica e que ocorre em momentos extraordinários da vida¹²². Velasco busca em Rahner¹²³ a fundamentação para o que chama de *mística do cotidiano* ou *experiência da graça*. Significa dizer que nas experiências profundas de si mesmo, o ser humano descobre a presença de Deus que o sustenta e o abre para além de si mesmo. A experiência da graça de Deus é possível sem a necessidade de feitos extraordinários justamente porque corresponde à própria estrutura dialógica e de abertura do ser humano *dinamizado* para o encontro com Deus.

Experiência que cada pessoa realiza segundo sua situação histórica e individual. A condição *existencial* humana é condição de possibilidades para a experiência da graça; e essa experiência se encontra no cotidiano, em situações onde as pessoas percebem força, sentido e esperança. *Bucólica nostálgica* nos diz:

Ao entardecer no mato, a casa entre / bananeiras, pés de manjeriço e cravo-santo, / aparece dourada. Dentro dela, agachados, / na porta da rua, sentados no fogão, ou aí mesmo, / rápidos como se fossem ao Êxodo, comem / feijão com arroz, taioba, ora-pro-nobis, / muitas vezes abóbora. / Depois, café na canequinha e pito. / O que um homem precisa para falar, / entre enxada e sono: Louvado seja Deus!¹²⁴

¹²⁰ Cf. VELASCO, J. M., *El fenómeno místico*, p. 482.

¹²¹ Cf. VELASCO, J. M., *El fenómeno místico*, p. 482.

¹²² Cf. VELASCO, J. M., Las variedades de la experiencia religiosa. In: DOU, A., *Experiência religiosa*. Madrid: Universidad Pontificia de Comillas. 1989. pp. 57-62.

¹²³ Rahner e a experiência transcendental do sujeito. O espírito está orientado para a autocomunicação reveladora de Deus. VELASCO, J. M., Las variedades de la experiencia religiosa. In: DOU, A., *Experiência religiosa*, pp. 58-59.

¹²⁴ PRADO, A., *Poesia reunida*, p 42.

Santa Teresa, Doutora em oração mística, também valoriza os afazeres do cotidiano de suas monjas e vê ali, no dia a dia, nas ocupações diárias, a possibilidade de crescimento espiritual e não só na oração de recolhimento.

Não é só essa pessoa, porque conheci outras que passaram pela mesma coisa. Eu não as via há anos, e, perguntando-lhes como os tinha passado, responderam que em ocupações de obediência e caridade. Ao mesmo tempo, eu as via tão avançadas espiritualmente que não podia conter o assombro. Marchemos, pois, filhas minhas! Não nos desconsolamos quando a obediência nos levar a cuidar de coisas exteriores; compreendei que mesmo na cozinha, entre as panelas, o Senhor vos está ajudando interior e exteriormente¹²⁵.

2.2.6

A alma erótica

Destacamos na poesia adeliãna um forte componente erótico – também presente em muitos místicos -, um desejo ardente, paixão e sonho, “[...] porque o sonho é Ele próprio travestido de Jonathan [...] Me beijou algum dia ou foi sonho, excessivo desejo?”¹²⁶.

A dimensão erótica (tanto humana quanto divina) foi recalcada ao longo dos séculos pelo cristianismo. Segundo Ulysses Tropa, a tradição cristã carregou a palavra Eros com forte carga negativa, entretanto ele aponta que no período patrístico outros Padres interpretaram-na em sintonia ao amor Ágape e com outros significados¹²⁷. É de imensa riqueza a pluralidade de sentidos para a palavra Eros a partir da reflexão gerada na Patrística. Além de sua associação ao Ágape, Tropa aponta que a reflexão também envolve-se em definições e qualidades do Eros: “como avaliação estética, como correspondente do amor de Deus, como contemplação do amor de Deus, como experiência pessoal do amor de Deus e como causa de todo o bem”¹²⁸. E isto ainda não é tudo, Eros também se apresenta como tema na relação do ser humano com Deus – “relação que se apresenta entre Deus e a divina beleza e na relação com os santos”¹²⁹ - e de Eros como amor à virtude, carregando um forte componente ético. Mística e erótica são eternos enamorados...

“Eu descobri que o erótico é sagrado [...] Toda poesia mística é sensual, não precisa dividir. O corpo é algo preciosíssimo, não é? Então só é erótico por isso,

¹²⁵ AVILA, T., Fundações. In: Escritos de Teresa de Ávila, p. 615.

¹²⁶ PRADO, A., A faca no peito, p.75.

¹²⁷ TROPIA, U. R. L., A semântica do “έρως” no tempo patrístico. Horizonte, v. 5, n.9. Belo Horizonte: Ed. PUC-Minas, 2006, p.106-128.

¹²⁸ TROPIA, U. R. L., A semântica do “έρως” no tempo patrístico. Horizonte, p.108.

¹²⁹ TROPIA, U. R. L., A semântica do “έρως” no tempo patrístico. Horizonte, p.108.

para animar a divindade”¹³⁰. O erotismo na poesia adeliana é aspecto que surge em uma dimensão integradora do corpo e do amor. A pornografia não é erotismo justamente porque rompe com a relação afeto-amor-desejo e reduz o erótico ao sexual. Como afirma Maria Clara,

No caso da mística cristã, a relação amorosa tem o componente antropológico no centro de sua identidade, uma vez que o Deus experimentado e amado se fez carne e mostrou um rosto humano. Por isso os místicos cristãos de todas as épocas encontram palavras tiradas do vocabulário da sexualidade e do amor humanos para descrever seus estados de alma e narrar suas experiências. O gozo e a dor corpóreos e afetivos serão os canais – ainda que pálidos e insuficientes – pelos quais eles e elas buscarão comunicar a experiência inefável da qual são protagonistas por graça e não por esforço próprio¹³¹.

O erotismo é sinal de um ser desejante, de um ser marcado pela falta e pela carência. Eros é força de atração, desejo que busca a união com o outro, força geradora de vínculo e de saudade, fonte de ternura¹³².

Eros é o que nos impele à união com aquilo a que pertencemos – união com nossas próprias possibilidades, união com pessoas significativas do nosso mundo, em relação a quem descobrimos nossa auto-realização. Eros é a ânsia que leva o homem a dedicar-se à busca de *areté*, uma existência boa e nobre¹³³.

Eros é o anseio pelo pleno relacionamento e a eterna procura de expansão¹³⁴ - aspecto que também está profundamente relacionado à espiritualidade cristã. Jesus expressa: “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair” (Jo 6,44). Como não sorver o erotismo contido das palavras de Jeremias “Tu me seduziste Senhor e eu me deixei seduzir”?

Em sua encíclica *Deus Caritas Est*, o papa Bento XVI escreve sobre o amor. Logo no início propõe diferenciar amor-eros de amor-agape. A novidade do cristianismo consiste numa nova compreensão de amor que supõe “a marginalização da palavra eros, juntamente com a nova visão do amor que se exprime através da palavra ágape[...]”¹³⁵. Segundo a encíclica, no Antigo Testamento a palavra Eros aparece duas vezes e nenhuma vez no Novo Testamento. É bem pertinente relacionar que a palavra mística também não

¹³⁰ PRADO, A., *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 9, p. 29.

¹³¹ BINGEMER, M. C., Cautério suave e deliciosa chaga. *Revista Cult*, Sao Paulo, maio/2010, pp. 50-52.

¹³² Cf. MAY, R., *Eros e repressão*. Amor e vontade. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 79-84.

¹³³ MAY, R., *Eros e repressão*, p.81.

¹³⁴ Cf. MAY, R., *Eros e repressão*, p.80. 82.

¹³⁵ BENTO XVI, *Deus Caritas Est*. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est_po.html, acesso em 06 de junho de 2010.

aparece nas Sagradas Escrituras. E se não se pode negar que existe mística na Bíblia, também não podemos negar o erótico em Cânticos dos Cânticos; inclusive, a encíclica indica que as poesias contidas neste livro - citando-o como bem conhecidos dos místicos – são “originalmente cânticos de amor, talvez previstos para uma festa israelita de núpcias, na qual deviam exaltar o amor conjugal”¹³⁶.

Vânia Cristina Bernardo faz um comparativo entre a estética do amor em Adélia Prado e no livro Cântico dos Cânticos destacando a importância que assume o relacionamento entre homem e mulher - a figura dos noivos – tanto no texto *O Pelicano* e *A Faca no Peito* quanto em textos bíblicos como Oséas, Cântico dos Cânticos e Apocalipse. Na perspectiva de Vânia,

Adélia dialoga com esses textos canônicos destacando o valor do amor ‘eros’, o dos noivos; associando-o ao ágape, o de Deus para com o homem[...] Concluimos, sim, que as duas questões são importantes: a sensual e a espiritual. É exatamente em Cantares que ela consegue encontrar um grande manancial que possui tanto as águas corpóreas do amor eros quanto as espirituais do ágape¹³⁷.

Vânia conclui que tanto Adélia quanto Cânticos celebram a humanidade de homem e mulher – criada à imagem e semelhança do Criador – no encontro a dois,

que inclui o compartilhar dos corpos e da alma para desfrutar o gozo mútuo. A relação não é de opressão, nem de imposição. Mas eles se completam e tornam-se, no ato sexual, um. “Assim não são mais dois, mas uma só carne.” (Mateus 19.6), num prazer que vai além dos corpos¹³⁸.

Já a cena narrada em Mc 14,3-8, em que uma mulher unge com perfume a cabeça de Jesus, apresenta forte componente sensual e erótico, entretanto, o erotismo não está somente no ato da mulher perfumar o corpo de Jesus, mas também pode ser encontrado nas palavras do mestre: “Ela fez o que podia: antecipou-se a ungir o meu corpo para sepultura” (v.8). A unção é a preparação (“antecipou-se”) para a sua morte¹³⁹. A mulher não podia impedir a morte e

¹³⁶ BENTO XVI, **Deus Caritas Est**.

¹³⁷ BERNARDO, V. C. A., **A estética do amor em Salomão e Adélia Prado**. Disponível em: <http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/viewFile/200/104>, acesso em 14 de junho de 2010.

¹³⁸ BERNARDO, V. C. A., **A estética do amor em Salomão e Adélia Prado**.

¹³⁹ Cf. BATAILLE, G., **O erotismo**, p 13-24. Na introdução, Bataille explicita a relação entre erotismo, reprodução e morte. Somos seres descontínuos que vivemos um abismo entre um ser e outro ser e o autor falando sobre reprodução e morte, apresenta “a identidade entre continuidade dos seres e a morte, ambas igualmente fascinantes, duma fascinação que domina o erotismo” (p. 14-15).

entrega de Jesus Cristo, por isso perfumou-lhe o corpo para o sacrifício e para a Sua entrega que daria continuidade a Sua *geração*¹⁴⁰.

Erotismo e morte são experiências que apresentam similaridades na medida em que expressam a nossa descontinuidade. Somos todos seres descontínuos “que têm a nostalgia da continuidade perdida”¹⁴¹; e paradoxalmente, também apontam para a continuidade do ser – nas três formas de erotismo abordadas por Bataille o que está sempre em referência é a substituição da descontinuidade (do ser) “por um sentimento de continuidade profunda”¹⁴² - “é em sexo, morte e Deus/ que eu penso invariavelmente todo dia./ É na presença d’Ele que eu me dispo / e muito mais, d’Ele que não é pudico/ e não se ofende com as posições no amor”¹⁴³.

A alma erótica de Adélia Prado expressa então dupla dimensão. A dimensão de Eros como amor, virtude, desejo, sedução e também a dimensão da tensão existencial entre descontinuidade e continuidade – “Entre as pernas geramos e sobre isso / se falará até o fim sem que muitos entendam: / erótico é a alma”¹⁴⁴.

Tendo explorado as conseqüências que, ao nosso ver, advêm da experiência do Deus Encarnado na *teopoética* adeliana, passamos agora à apresentação da consequente perspectiva cristológica que denominamos *cristologia teopoética*¹⁴⁵.

2.3 Aportes para uma cristologia *teopoética*

Iniciamos este tópico propondo assumi-lo como um ensaio para o resgate de um olhar sobre a figura de Jesus Cristo - *o modo poético-místico*¹⁴⁶. Embasamos nossa reflexão na experiência e doutrina de Santa Teresa de Ávila e introduzimos a poética como um fio que é tecido conjuntamente com a mística. Teresa de Ávila

¹⁴⁰ A geração e continuidade de Cristo: a Igreja.

¹⁴¹ BATAILLE, G. **O erotismo**, p. 16.

¹⁴² BATAILLE, G. **O erotismo**, p. 17. As três formas de erotismo: dos corpos, dos corações e o erotismo sagrado. A noção de continuidade e descontinuidade é fundamental para entender o significado geral do erotismo que também está relacionado ao domínio da violência, da violação. “Toda a consecução erótica tem por princípio a destruição da estrutura do ser fechado, que é, no estado normal, um participante da ação. A ação decisiva é o desnudamento. A nudez opõe-se ao estado fechado, ou seja, ao estado de existência descontínua. É um estado de comunicação que revela a procura duma possível continuidade do ser, para lá do isolamento a que cada um de nós está votado” (p.18).

¹⁴³ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 77.

¹⁴⁴ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 57. “O sentido fundamental da reprodução continua a ser a chave do erotismo”, ver: BATAILLE, G., **O erotismo**, p. 14.

¹⁴⁵ O termo *teopoética* que já foi apresentado pela perspectiva de Kuschel no capítulo de introdução, também será reinterpretado a partir de uma perspectiva trinitária no capítulo terceiro.

¹⁴⁶ Chamamos de resgate, pois encontramos na tradição cristã personagens que também expressam esse olhar, como Hadewijch de Antuérpia e Hildegarde de Bingen, além de Teresa de Ávila.

é uma mística-poeta¹⁴⁷ e Adélia Prado, uma poeta-mística¹⁴⁸. Ambas também possuem componentes estético e sensível em suas experiências, de forma que a mística e a espiritualidade transparece de forma natural na obra de Adélia enquanto que a poesia parece brotar na experiência mística de Santa Teresa.

Sendo a poesia a linguagem do sentir, consideramos a mística como o elemento que irá agregar o *teo* à poética cristológica adeliana. É *teopoética* porque a mística também é um *sentir* Deus e é também um modo de conhecer Deus. Na doutrina de Santa Teresa, a experiência da Presença de Deus é sentida pelos seus efeitos: paz, contentamento, suavidade, gozo e deleite. Deus dá-se a sentir. Neste sentido, é uma experiência teológica,¹⁴⁹ um conhecimento por experiência – mística e/ou poética.

Mantendo o paralelo entre Santa Teresa e Adélia Prado, a seguir, elencaremos alguns elementos que, percebemos, são fundamentos importantes para a cristologia *teopoética* a partir da perspectiva mística.

2.3.1 A experiência

Como primeiro elemento de construção para uma cristologia *teopoética* temos o fator experiência - “... porque é bem difícil o que eu queria que compreendêsseis se não houver experiência” (1 Moradas 2,9) ou ainda “mas quem não tiver experiência de uma e de outra coisa não o entenderá” (6 Moradas 6,6).

Em Santa Teresa, a experiência ocupa um lugar de destaque e está relacionada ao conhecimento humano - ato processual, dinâmico e histórico que tem nas realidades criadas o ponto de partida¹⁵⁰. O conhecimento por experiência é um tema teológico controvertido, contudo a doutora da Igreja lhe concedeu grande relevância ao colocar na experiência um maior grau de conhecimento¹⁵¹ - consiste em experimentar o “objeto” a partir das entranhas, do seu próprio íntimo¹⁵². Contudo, não é possível prescindir da fé; o conhecimento por experiência –

¹⁴⁷ Santa Teresa também escreveu poesias como a musicada *Glosa de S. Teresa: Vivo sin vir em mi, / Y tan alta vida espero, / que muero porque no muero.*

¹⁴⁸ Enfatizando primeiro a experiência na qual as autoras se reconhecem e são reconhecidas.

¹⁴⁹ GARCIA, M. H., **La oración historia de amistad**. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1981, p. 89.

¹⁵⁰ Cf. ARRONDO, A. M., **Teresa de Jesús en el matrimonio espiritual**. Institución gran duque de Alba de la excma. diputación provincial: Ávila, 1993. pp. 133-134.

¹⁵¹ Cf. ARRONDO, A. M., **Teresa de Jesús en el matrimonio espiritual**, p. 157.

¹⁵² Cf. ARRONDO, A. M., **Teresa de Jesús en el matrimonio espiritual**, p. 159.

verdade revelada conhecida conscientemente pela pessoa – assume o conhecimento pela fé enquanto adesão e confiança, e surge como verdade pela experiência que se estabelece na relação com Deus¹⁵³. A fé é dom de Deus, impulsionada pela relação de comunicação que Deus mantém com o ser humano, contudo não é estática, apresenta uma dinâmica na história pessoal¹⁵⁴.

Adélia Prado afirma que em sua experiência a mística e a poética estão em acordes harmônicos, é algo intrínseco, firmando sua poética como também experiência de Deus – Deus dá-se a sentir e a linguagem dessa experiência é a poesia. Jesus é o máximo de poesia possível. Neste sentido, é antes uma cristopatia (sentir com Cristo), seguida de uma crisonomia (conformar-se a Cristo, seguir a Cristo, resposta de seguimento) e por fim, cristologia¹⁵⁵ (palavra sobre os aspectos do mistério de Jesus Cristo). Mais uma vez, percebemos um processo dinâmico nessa experiência poético-mística que gera um comprometimento com a vida concreta a partir do seguimento. A palavra cristológica é gerada a partir de um sentir e de um seguir a Cristo. É a última etapa da comunicação divina que se processa a partir da cristofania¹⁵⁶.

2.3.2

O testemunho da Escritura

São recorrentes na obra adeliana as citações e a constante influência da literatura bíblica. A Bíblia é fonte de inspiração, de referência, de testemunho e de linguagem. Consideramos Adélia uma *mulher bíblica*, querendo com esta expressão enfatizar a raiz literária de sua experiência religiosa e também existencial. Sem dúvida, a fundamentação bíblica é de extrema importância quando pensamos em uma cristologia para os tempos atuais; principalmente quando estamos trabalhando no foco imagético, enfatizando a beleza, a sedução e o amor. Há o perigo de um “descolamento” da imagem de Jesus Cristo dos Evangelhos, o que levaria a uma dicotomia entre mística e profecia. Além disso, a

¹⁵³ Cf. ARRONDO, A. M., *Teresa de Jesús en el matrimonio espiritual*, p. 160.

¹⁵⁴ Cf. ARRONDO, A. M., *Teresa de Jesús en el matrimonio espiritual*, p. 161.

¹⁵⁵ ALVAREZ, T., *Estudios teresianos III*. Doctrina espiritual. Monte Carmelo: Burgos, 1996, p. 12.

¹⁵⁶ Da epifania à cristofania do Segundo Testamento. Consideramos que o primeiro gesto é sempre de Deus, portanto se há uma cristopatia (no sujeito da experiência) é consequência de uma manifestação de Cristo, ou seja, uma cristofania.

escritura dá testemunho de Jesus Cristo, sendo portanto impensável desenvolver uma *teopoética* sem considerar, no mínimo, os evangelhos.

A obra de Adélia Prado está *envolvida* tanto pelo primeiro quanto pelo Segundo Testamento. Tanto é assim, que a autora afirma que em sua vivência cristã há um desenvolvimento da imagem de Deus; um caminho que a leva ao Deus de Jesus Cristo, pai (*Abba*) amoroso e misericordioso. E aqui também se assemelha à experiência teresiana que traduz a trajetória espiritual como Caminho, um sistema dinâmico em que a Sagrada Humanidade a conduz a uma maior intimidade com o Deus Trinitário, experiência de amor e comunhão¹⁵⁷.

Quando caracterizamos a leitura da obra adeliana, propusemos olhá-la em dois momentos, relativos ao Primeiro e ao Segundo Testamento; contudo foi a própria obra que nos conduziu por esta trajetória e as palavras da *teopoeta* confirmam a sua autoconsciência do caminho que foi traçado poética e misticamente por seus escritos.

A Sagrada Escritura também dá testemunho de uma tradição e este é um terceiro aspecto que enfocamos para o desenvolvimento de uma cristologia *teopoética*.

2.3.3 Recurso à tradição

Não pretendemos aqui elaborar um argumento baseado em uma tradição teológica, mas utilizamos a palavra tradição remetendo, na verdade, a algumas tradições que estão presentes na vida da Igreja: tradição dos santos, tradição experiencial, tradição dos *teopoeitas* e tradição litúrgica. O interessante é que a identificação ou pertencimento a uma tradição, não significa exclusão de outra.

A prática evangélica de santos, por exemplo, são referências na obra de Adélia. Como a Doutora da Igreja¹⁵⁸, Adélia também faz constantemente referência a santos; os mais citados são São Francisco de Assis, Santa Teresa de Ávila¹⁵⁹, São João da Cruz, Santa Terezinha do Menino Jesus, São Paulo.

¹⁵⁷ CASTRO, S., **Cristo vida Del hombre**. El camino cristológico de Teresa confrontado com El de Juan de la Cruz. Madri: Editorial de Espiritualid, 1991, p. 10.

¹⁵⁸ CASTRO, S., **Cristo vida Del hombre**, p. 123.

¹⁵⁹ No livro *Solte os cachorros*: “Já tive inveja de Santa Teresona a de Ávila e de San Juan de la Cruz, dois espanhóis ferozes, depois fiquei mais modesta, escolhi Santa Teresinha” (pp. 88-89).

Adélia *se afina* com a vida dos santos, parece interessada mais em uma ortopraxis do que em uma ortodoxia - embora esses termos não estejam em oposição, nem sempre estão integrados devido à ambigüidade e complexidade presentes no ser humano. Adélia sempre se volta aos santos, sempre circunscrita em sua espiritualidade e catolicidade.

A *teopoeta* se alinha à tradição dos místicos - “Eu fiz filosofia, me dá muito prazer ver teólogo discutindo com filósofo, filósofo discutindo teologia. Mas o que salva a alma mesmo é a mística”¹⁶⁰, ou ainda, “me atordoam da mesma forma os místicos / e as lojas de roupa com seus preços”¹⁶¹.

Também já identificamos no segundo capítulo, uma tradição eclesial experiencial – desde a Patrística, passando pela Idade Média e Renascimento e chegando aos dias de hoje – em que podemos situar nossa autora. Os místicos cristãos expressam a consciência da união singular e estreita entre Deus e ser humano¹⁶². Estamos aqui nos referindo não só aos santos, mas a homens e mulheres que na vida da Igreja também expressaram essa consciência da experiência de Deus¹⁶³.

Ainda no segundo capítulo, sugerimos que Adélia Prado faria parte de uma tradição de *teopoeatas*, anterior mesmo ao cristianismo¹⁶⁴ (*poeta-theologus*) – dos poetas “reveladores” de Deus ou que expressam a experiência de Deus pela *veia* poética. A experiência poética é, nesta tradição, sentida como o momento supremo da experiência humana, visão profunda que chega a contemplar a face divina e a expressa em imagens e formas de comunicação.

Em referência à cultura brasileira, também vislumbramos na obra de Adélia Prado uma vivência singular, uma “mineiridade”;

Sim, isso é típico nosso [a mineiridade], uma coisa, bem vamos dizer, Quaresma (aproveitando que a gente está na Quaresma). É um acento maior que existe aqui na paixão e não na ressurreição de Cristo. Isso tem um apelo imagético, estético

¹⁶⁰ PRADO, A., **Cadernos de Literatura Brasileira**, n. 9, p. 35. Neste sentido, a obra de Santa Teresa se torna referência, pois atesta não só sobre a ortopraxis da santa, como também tem caráter doutrinal tendo em vista do magistério de Teresa de Ávila na Igreja. Recentemente, Bento XVI referiu-se a Santa Teresa como exemplo de vida fascinante e mestra espiritual para os cristãos de hoje. Cf. **Agência Zenit**, Disponível em: <http://www.zenit.org/article-27158?l=portuguese>, Acesso em 01 de novembro de 2011.

¹⁶¹ PRADO, A., **A faca no peito**, p. 31.

¹⁶² Cf. VELASCO, J. M., **El Fenómeno místico**, p. 213.

¹⁶³ Alguns exemplos já citados no segundo capítulo: Orígenes, Pseudo-Dionísio, Ângela de Foligno e Matilde de Magdeburgo.

¹⁶⁴ Tradição pré-cristã presente no helenismo, mas também na tradição bíblica do Primeiro Testamento.

mesmo, muito forte: as procissões, a liturgia. É o nosso jeito de se relacionar com Deus¹⁶⁵.

A cor da Quaresma merece uma poesia: “A paixão de Jesus é roxa e branca, [...] / O céu roxeia de manhã e de tarde, [...] Campeio amor pra roxeamar apaixonada, / o roxo por gosto e sina”¹⁶⁶.

Adélia Prado refere-se à tradição litúrgica, que em Minas Gerais tem um acento maior na quaresma – *o roxo por gosto ou sina* -, também a cor das flores das quaresmeiras (árvores). Há um forte componente litúrgico em sua poesia já mencionado através da poesia *Missa das 10*. Neste referido poema, Roberto Fernandes aponta que a celebração litúrgica eucarística é momento para o encontro com a alteridade do “cordeiro degolado” que reside em nossa interioridade¹⁶⁷. Adélia é litúrgica, sua poesia expõe esta faceta, ela declarou que até já se sentiu angustiada por seus filhos não seguirem a tradição familiar e buscarem uma tradição extralitúrgica para um encontro diferenciado com Deus¹⁶⁸.

Depois de apresentarmos estes três elementos – a experiência, o testemunho das Escrituras e o recurso à tradição – daremos continuidade aos dois tópicos seguintes: o elemento antropológico e beleza e Eros.

2.3.4 O elemento antropológico

Para a composição de uma cristologia *teopoética* faz-se necessário focar no aspecto antropológico relacional, pois tanto a mística de Santa Teresa quanto a poética de Adélia se expressam em oração e em devoção ao Mistério da

¹⁶⁵ PRADO, A., *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 9, p. 22.

¹⁶⁶ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 32.

¹⁶⁷ Cf. FERNANDES, R. R., A poesia mística da libertação: um estudo psicológico da Eucaristia. *Ciberteologia* Ano II, n. 14, p. 24-30. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/artigos/adelia-prado-e-a-poesia-mistica-da-libertacao-um-estudo-psicologico-da-eucaristia>. Acesso em 7 de outubro de 2011. O autor conjuga aspectos da psicologia junguiana – como a sombra – com a celebração litúrgica na poesia adeliana. Nesse sentido, ao analisar o poema *Missa das 10*, Fernandes aponta como esta poesia expõe a superficialidade que se pode viver a fé cristã, sem o efetivo encontro com a sua própria interioridade – “A interiorização e a busca do sentimento podem ser interpretadas como fraqueza por uma cultura narcisista que glorifica o eu e o estado de euforia, entendendo a tristeza e a depressão como doenças. Não nos conectando com nossas próprias feridas, não podemos nos conectar à angústia de Jesus frente à alienação do mundo. Não nos permitimos confrontar o nosso autismo burguês e egoísmo supremo. Afinal, em seguida à “missa das 10”, vamos “encontrar os amigos no clube”. Entretanto, é importante que nos deprimamos e que possamos descobrir o sentido da depressão, isto é, o símbolo que ela expressa, ou qual aspecto de nós mesmos foi reprimido de nossa Consciência” (pp.25-26).

¹⁶⁸ PRADO, A., *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 9, p. 37.

Encarnação. Se em Teresa, oração é “trato de amizade”, a poesia cristológica de Adélia é expressão da relação entre o “eu lírico” e a personagem Jonathan/Jesus.

É o aspecto da relação que efetivamente torna o ser humano *pessoa*¹⁶⁹. Assim uma cristologia *teopoética* não se vincula a uma perspectiva ontológica de um ser metafísico, nos aproxima da realidade existencial humana e pode expressar desejo, angústias, amor, dor e erotismo. Neste sentido, voltamos a evocar a perspectiva dinâmica do ser humano, um ser que está sempre em processo, um ser de relação.

A cristologia *teopoética* adeliânica é expressão de uma relação pessoa a pessoa (eu e Você¹⁷⁰), registro poético da relação entre o ser humano e Deus. Deus não é “totalmente Outro” no sentido de um total estranhamento, de um desconhecido, é Alguém que se aproxima e se faz íntimo.

Neste sentido, se apresenta como uma antropologia relacionada à espiritualidade - termo de grande abrangência que se refere a todo processo de crescimento da relação ser humano e Deus, da inautenticidade à relação concreta e à posse da verdade¹⁷¹.

Assim, situamos o foco desta antropologia na expressão “o ser humano é capaz de Deus”, que representa a própria vocação humana de comunhão com Deus¹⁷². É uma antropologia centrada na *pessoa*¹⁷³ que por isso há de considerar aspectos dinâmicos no crescimento pessoal. O ser humano está orientado para a receptividade da Graça e os cristãos são vocacionados à santidade – “Um mosquito cantor rodeia minha cabeça: / decide-te à santidade”¹⁷⁴.

Há uma interioridade dialógica que se sustenta na relação com Deus, ao mesmo tempo em que revela a pessoa a si mesma¹⁷⁵ - “Deus! Clamo no escuro, / ó

¹⁶⁹ O conceito de pessoa foi desenvolvido pelo cristianismo, resultado da experiência dialógica na relação Deus e ser humano. Cf. RUBIO, A. G., **Unidade na pluralidade**, p. 304.

¹⁷⁰ Marcando a diferença entre “eu e o Outro” para uma relação de proximidade, intimidade. Privilegiando a palavra “Você” em vez de “Tu” como já referido anteriormente.

¹⁷¹ Cf. Espiritualidade. LARKIN, E., In: **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus. Loyola. 2003, p. 381.

¹⁷² VATICANO II, **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**, n. 19,1. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat_ii_const_19651207_gaudium-e-t-spes_po.html, acesso em 7 outubro de 2011.

¹⁷³ Conceito de pessoa, ver RUBIO, A. G., **Unidade na pluralidade**, pp. 303-317.

¹⁷⁴ PRADO, A., **Poesia reunida**, p. 283.

¹⁷⁵ Santa Teresa considera que Deus está no mais íntimo da pessoa, portanto encontrar-se com Deus é encontrar-se consigo mesmo e com a verdade de si. - Cf. Vida 40,6. Também GARCIA, C., **Santa Teresa de Jesus**. Nuevas claves de lectura. Monte Carmelo: Burgos, 1998, p. 85, cita um texto de J. M. Velasco (*Búscate em mi*, em *Actas*, pp. 809-834) em que este mostra a relação entre o descobrimento de si mesmo (ser humano) e o descobrimento de Deus.

Deus, Deus! / Mas não sou eu quem chama / é Ele próprio quem se chama / com minha boca de medo”¹⁷⁶. E em *A sagrada face*, Adélia pergunta: “Que faço agora que Vos descubro em silêncio, / mas dentro de mim, em meus ossos, / vertiginosa doçura?”¹⁷⁷.

É uma experiência de intimidade com Deus e consigo mesma.

Uma noite me dei conta de que possuía uma história, / contínua, desde o meu nascimento indelével de mim. / E de que era monótona com sua feira de lábios, narizes, / modos de voz e gesto repetindo-se. / Até os dons, um certo comum apelo ao religioso / e que tudo pesava. E desejei ser outro [...] Tanta coisa eu julguei inventar, / minha vida e paixão, / minha própria morte, / esta tristeza endócrina resolvida a jaculatórias pungentes, / observações sobre o tempo. Aprendi a suspirar [...] / Estou tão feliz! À beira do ridículo / arde meu peito em brasas de paixão. / Vinte anos de menos, só seria mais jovem. / Nunca, mais amorável. / Já desejei ser outro. Não desejo mais não”¹⁷⁸.

A antropologia presente na obra adeliana, além de destacar a dimensão de interioridade e intimidade, explicita a tensão pecado-graça, homem velho e homem novo – “Livra-me, Senhor, da memória do pecado em meu espírito. / Livra-me com o hissopo e ficarei mais pura do que a neve”¹⁷⁹. Ou ainda: “Perdoa-me, Senhor. Lembra-te de que és meu Pai. / Como gostaria de nascer de novo / e começar tudo generosamente”¹⁸⁰.

Assim, a antropologia que se revela nos textos de Adélia tem como pressuposto prévio a aceitação da existência de Deus. A existência do transcendente não é questionada porque o que é *sentido* é evidente¹⁸¹.

2.3.5 Beleza e Eros

Adélia Prado enfoca a beleza como um dos aspectos de Jonathan/Jesus, o belo atrai, é força erótica e sedutora – “Não sei vos reproduzir como é a testa de Jonathan, / mas quando ele me toca é no seio de Deus que eu fico”¹⁸².

A beleza encanta, fere, afeta a pessoa pelo *maravilhar-se* com o outro, enamorar-se do outro. Também na experiência mística de Teresa de Ávila, a beleza de Cristo foi contemplada numerosas vezes em visões e a fez compreender

¹⁷⁶ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 334.

¹⁷⁷ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 339.

¹⁷⁸ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 262.

¹⁷⁹ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 286.

¹⁸⁰ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 291.

¹⁸¹ Se uma pessoa *sente* dor não pergunta se está *sentindo* dor, assim também quando sente prazer ou alegria.

¹⁸² PRADO, A., *A faca no peito*, p.77.

que Deus é a fonte da beleza e a própria beleza, encarnada em Jesus Cristo ressuscitado - Cristo é a beleza viva de Deus¹⁸³. Referindo-se a uma visão concedida pelo Senhor, Teresa diz: “Quando vi Cristo, imprimiu-se em mim Sua grandíssima formosura, que ainda hoje está presente [...]”¹⁸⁴.

Pensar em uma cristologia *teopoética* é se abrir à dimensão da beleza, do encantamento, da sedução que é dinamismo do Eros. Portanto, o suporte que permite identificar a beleza como um dos elementos de uma cristologia *teopoética* é o Amor (Eros). A beleza atrai com vínculos de amor, é gratuita e leva à fruição, à alegria, ao gozo e ao prazer¹⁸⁵.

Acompanhando Balthasar, podemos dizer que somos cativados pela beleza e arrebatados pelo esplendor da verdade¹⁸⁶. Há um momento extático e entusiástico na revelação divina e tomando o exemplo do São Paulo, Balthasar afirma a união entre visão e arrebatamento – a visão da glória do Senhor face a face na qual nos transformaremos em sua mesma imagem (2Co 3,18)¹⁸⁷. Também para Teresa de Ávila, o mistério de Cristo é harmonia, beleza de Deus e poesia¹⁸⁸. Adélia e sua *Adoração noturna* nos diz que,

É como um olhar, / como um olhar imóvel. / Beijam-me quando assim me tomas, / admirados / de que não repila a comisseração: / ‘não é a que tem desejos e sandálias?’ / Vosso pés me ocupam, vossos dedos / cuja perfeição esgota a eternidade. / Quem mais adora quando me arrebatas? / Meus sapatos são vossos, / de ouro, / iguais são nossos joelhos, / as rótulas sobre as quais / - eu, ou vós? – descansamos as mãos. / Necessária como Deus, / coberta de meus pecados resplandeço¹⁸⁹.

Não nos interessa fixar a beleza em termos de proporção, harmonia ou forma¹⁹⁰, mas abrir possibilidades de se pensar a beleza como uma experiência dinâmica de atração-relação. Dessa forma, Adélia traz as ‘palavras necessárias’ para expressar uma estética dinâmica de atração: “A matéria de Deus é seu amor. / Sua forma é Jonathan, / o que dói e perece / e me diz, com tremor da criação

¹⁸³ Cf. CASTRO, S., *Ser Cristiano segun Santa Teresa*, p. 170.

¹⁸⁴ ÁVILA, T., *Escritos de Teresa de Ávila*, p. 257.

¹⁸⁵ Elementos presentes tanto na obra de Adélia Prado quanto na de Teresa de Ávila.

¹⁸⁶ Cf. BALTHASAR, H. U., *Gloria I*. Una estética teológica. La percepción de la forma. Madrid: Ed. Encuentro, 1985, p. 111.

¹⁸⁷ Cf. BALTHASAR, H. U., *Gloria I*, p. 117.

¹⁸⁸ Cf. CASTRO, S., *Ser Cristiano segun Santa Teresa*, p. 142.

¹⁸⁹ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 358.

¹⁹⁰ Há na tradição teológica inúmeros pensadores que definirão a beleza. Ver FORTE, B., *A porta da beleza*. Por uma estética teológica. Aparecida: Ed. Idéias & Letras, 2006. Neste livro o autor apresenta o pensamento de vários autores: Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Kierkegaard, Dostoiévski, entre outros.

inteira: / “És preciosa aos meus olhos, / porque eu te aprecio e te amo, / permuta reinos por ti”¹⁹¹.

Em *Adoremus*, acompanhamos Adélia em sua experiência do real: “Foi quando entoavas / com voz carnal ‘Jesu Christe’ / que o real se mostrou / para além da imagem. / Nos olhos não. / No olhar é que vi o cerne da vida / e era estático”¹⁹².

O ser humano tem desejo de beleza que é também desejo de Amor. A Encarnação representa o desejo de Amor de Deus pelo ser humano, um Deus-poesia que sai ao encontro do ser humano fazendo-se humano, fazendo-se encontrável, amável e belo.

2.4 Títulos cristológicos

A personagem Jonathan não pode ser considerada um título cristológico, mas expressa poeticamente e representa a condição/dimensão afetiva de Deus – a encarnação do Afeto. Jonathan guarda a representação de ser um Deus divino e humanamente afetivo ¹⁹³. Deus também se revela em mistério de afeto com o ser humano. O afeto também é um forte elemento de comunicação e de interação entre as pessoas e neste sentido, pode ser considerado como um dos elementos mais importantes presentes na relação Deus e ser humano. É o afeto que alimenta as relações.

Santa Teresa também expressava fortemente sua afetividade nas cartas e também sua espiritualidade continha forte dimensão imagético-afetiva: “imagine estar diante de Cristo e tome o costume de se enamorar de sua sagrada humanidade, trazendo-o sempre consigo” ¹⁹⁴.

Assim, o afeto dispõe as palavras de modo diferente, os títulos cristológicos estão em *modo teopoético* exigindo uma racionalidade poético-sensível. Jesus se referia a Deus como *Abba*, uma expressão afetiva e íntima.

Vale ressaltar que a cristologia *teopoética* em Adélia Prado conjuga tanto a cruz quanto a ressurreição. Para melhor análise, propomos olhar a pessoa de Jesus

¹⁹¹ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 399.

¹⁹² PRADO, A., *A Duração do dia*, p. 82.

¹⁹³ Jonathan, a afetividade de Deus. Considerando a afetividade um conjunto de afetos que reúne emoções, sentimentos e estados que são vivenciados pelo sujeito.

¹⁹⁴ ÁVILA, T., *Escritos de Teresa de Ávila*, p. 82.

Cristo na poesia de Adélia Prado por dois focos. O primeiro foco a considerar é a *dimensão objetiva* do mistério cristão: Jesus Cristo é Deus encarnado, se fez humano, habitou entre nós e sofreu a sua paixão entrando na história humana. Nessa dimensão que denominamos *objetiva do mistério*, Adélia sempre se refere a Jesus ou Cristo - “adoro Cristo na cruz”¹⁹⁵. O ‘momento cruz’ assume uma dimensão histórica, visível plenamente na humanidade do Filho de Deus. Não significa que Jesus seja só humano e não divino, porque a *teopoeta* também reconhece o divino na pessoa de Jesus Cristo – “Ó meu Deus, meu Jesus, misericórdia”¹⁹⁶.

O segundo foco é considerar como *dimensão subjetiva* do mistério cristão a experiência do Cristo ressuscitado, que apareceu a Maria Madalena e posteriormente a outros discípulos¹⁹⁷. O Ressuscitado apareceu para seus seguidores, pois eram estes que poderiam testemunhar que o ressuscitado é o crucificado.

O ressuscitado na poesia de Adélia vem relacionado à personagem Jonathan e nunca está relacionada à cruz – “Quero ver Jonathan, / aqui ou onde mora / exilado de mim”¹⁹⁸. Contudo não é um ser etéreo, sem corpo e forma; assim como o Ressuscitado tem lábio, testa e dedos com unhas inacreditáveis, ou seja, tem intensa corporeidade em sua *Memória amorosa*:

Quando ele aparece / bonito e mudo se posta / entre moitas de murici. / Faz alto-verão no corpo, / no tempo dilatado de resinas. / Como quem treina para ver Deus, / olho a curva do lábio, a testa, / o nariz afrontoso. / Não se despede nunca. / Quando sai não vejo, / extenuada por tamanha abundância: / seus dedos com unhas, inacreditáveis!¹⁹⁹.

A personagem Jonathan está mais associada à dimensão do Ressuscitado, entretanto sempre que nos referimos a Jonathan expressamos Jonathan/Jesus para que assim estejamos integrando essas dimensões em uma unidade. A diferenciação que propusemos entre dimensão objetiva e subjetiva do mistério é para caráter de análise e reflexão, contudo reafirmamos a integração na grafia conjunta dos nomes.

¹⁹⁵ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 348.

¹⁹⁶ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 44.

¹⁹⁷ Não entraremos especificamente no caso de São Paulo que era perseguidor dos cristãos e depois se tornou o grande propagador da fé cristã para os gentios.

¹⁹⁸ PRADO, A., *Poesia reunida*, p.365.

¹⁹⁹ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 346.

Vamos então, apresentar os títulos cristológicos que vislumbramos através da cristologia *teopoética* de Adélia Prado.

2.4.1 Jonathan/Jesus, Poesia de Deus

Jonathan/Jesus é o máximo de poesia possível - o ritmo, a pulsação, a respiração, a harmonia em métrica e rimas. Jesus-Poesia, presente no cotidiano da vida, momento poético de ser humano, modo poético de expressar e ser Deus. Jonathan/Jesus em versos de metapoesia, biópsia da criação que está enferma de amor.

Jesus-Poesia, condensação do absurdo, “impossível crível”²⁰⁰, estética amorosa – o Verbo abreviou-se poeticamente. “Minha ficção maior é Jonathan / mas, como é poética, existe, / e porque existe me mata / e me faz renascer a cada ciclo / de paixão e de sonho”²⁰¹.

Jesus-Poesia, recriação eterna, despertar de si. Deleite, gozo e fluir.

Jesus-Poesia, linguagem de Deus, metáfora da humanidade – poesia é palavra necessária e insubstituível²⁰² e natureza original²⁰³. Jesus-Poesia, ritmo e imagem, sentido e direção:

Eu já amava Jonathan, / porque Jonathan é isto, / fato poético desde sempre gerado / matéria de sonho, sonho / hora em que tudo mais desce à desimportância. / Agora que me decido à mística, / escrevo sob seu retrato: / Jesus, José, Javé, Jonathan Jonathan [...] ²⁰⁴

2.4.2 Jonathan/Jesus, o amado, o amante

Jonathan/Jesus tem dupla qualidade afetiva: é o amado e é o amante. A tradição mística cristã guarda esta relação amorosa com o Filho que é também o amado do Pai.

Na Bíblia, *O Cântico dos Cânticos* é inspiração constante para os textos místicos amorosos. Santa Teresa afirma o matrimônio espiritual nas sétimas moradas como ápice de sua experiência mística e medita sobre este poema bíblico

²⁰⁰ Em referência à Aristóteles: “No que respeita à poesia, deve-se preferir o impossível crível ao possível incrível”. ARISTÓTELES, *A arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 93.

²⁰¹ PRADO, A., *A faca no peito*, p. 61.

²⁰² Cf. PAZ, O., *O arco e a lira*, p. 55.

²⁰³ Cf. PAZ, O., *O arco e a lira*, p. 58.

²⁰⁴ PRADO, A., *Poesia reunida*, p.365.

em *Conceitos do Amor de Deus*. Ressaltamos que o texto bíblico expressa um amor incomum para a época: um amor único e indivisível numa sociedade que aceita a poligamia (Ct 6,8s), amantes celebram amor eterno (Ct 8,6s) num ambiente possível ao divórcio, os protagonistas apresentam paridade e pertença mútua (Ct 2,16; 3,1-4), fenômeno “surreal” em uma sociedade patriarcal²⁰⁵. Neste sentido, é um amor transgressor porque se apresenta indiferente aos costumes e à moralidade. A mensagem oculta por trás da estética poética dos Cânticos é decididamente teológica: “o amor, o amor “puro e simples”, amor fiel e inteiramente integrado, é um reflexo da aliança entre o divino e o humano”²⁰⁶.

Jonathan/Jesus como amado e amante expressa a paridade e a pertença mútua desse amor. Reciprocidade amorosa. Enamoramento e cumplicidade. Um Deus que de tão próximo, enamorou-se e se fez íntimo.

Finalizando esta perspectiva cristológica, a seguir, refletiremos sobre a qualidade afetiva para uma cristologia no terceiro milênio.

2.5 Cristologia afetiva

Sustentamos a análise da poesia de Adélia Prado como fundamentalmente mística. Advém de uma experiência, de uma tradição, de uma cultura. Nesse sentido, se alinha com a perspectiva cristã de enfoque no mistério da Encarnação e no encontro com a pessoa de Jesus Cristo, encarnado poeticamente em Jonathan.

Poetizado em Jonathan, Jesus Cristo é expressão do Deus afetivo, Deus-conosco, que se envolve intimamente com o ser humano. Não se trata de uma cristologia ascendente ou descendente que venha a determinar quem é Jesus Cristo, mas de uma cristologia relacional, de diálogo horizontalizado, que *afeta* a existência humana porque se insere na dimensão da vivência e da experiência humana. No Evangelho de João, aos que o seguem, Jesus os convida a “vir e ver” (1,38-39) o lugar onde mora. Convite para con-viver com Ele. Convite ao relacionamento pessoal com ele. Dizem que é o Messias, que é o Filho de Deus, o Rei de Israel. A esses termos, Jesus responde: “vinde e vede”.

²⁰⁵ Cf. TABORDA, F., **Matrimônio**. Aliança-Reino. São Paulo: Loyola, 2005, p.41.

²⁰⁶ LACOQUE, A., A Sulamita. In: LACOQUE, A.; RICOEUR, P., **Pensando biblicamente**. São Paulo: EDUSC. 2001. p 285.

Visibilizar uma cristologia *teopoética* significa tentar responder teologicamente ao estado de apatia e indiferença da sociedade atual²⁰⁷ - “o ódio não é o oposto do amor, e sim a apatia”²⁰⁸. Apatia é fuga do sentir e leva inevitavelmente à violência²⁰⁹. O afeto, “significando afeição e sentimento, é o mesmo vocábulo usado para *efetuar* uma mudança”²¹⁰, é uma maneira de formar alguma coisa, fazer, realizar²¹¹.

Conjugando afeto e Eros, podemos identificar uma nova perspectiva para a pesquisa em cristologia - a “experiência do múltiplo esplendor”²¹² - que se precipita em sentimento e fonte de ternura²¹³.

Quando Willian James afirma que “sentir é tudo”, não quer dizer que nada mais exista além do sentimento, e sim que tudo começa aí. O sentimento compromete a pessoa, une-a ao objeto e assegura a ação [...] Quando ignorávamos, dizíamos “eu senti” como sinônimo de “creio vagamente”, sem compreender que só podemos *conhecer* quando *sentimos*²¹⁴.

O *sentir* dá *sentido*. Conhecer/sentir a dinâmica amorosa proposta por Jesus Cristo significa abrir-se a um princípio novo (o “novo homem”), dinâmico que impulsiona o ser humano para o compromisso de viver um amor efetivo em relação aos demais.

A cristologia afetiva que encontramos na poesia de Adélia Prado não é sentimentalismo, é fruto de uma relação, de uma experiência, de uma vivência na fé cristã.

Designamos a cristologia de Adélia Prado afetiva buscando também o sentido mais original do termo: *afficere* (Latim), produzir impressão, agir, operar. Esta qualidade é significativa para o que será apresentado no terceiro capítulo desse estudo. Seus textos são poético-místicos²¹⁵ e ainda cristológicos. É necessário descobrir novas e melhores linguagens para falar de Jesus Cristo nos tempos atuais e a literatura se torna uma fonte de inspiração, mas vez por outra, é possível encontrarmos algumas pérolas da religiosidade cristã, como sugerimos

²⁰⁷ Cf. MAY, R., **Eros e repressão**, pp. 27-35.

²⁰⁸ MAY, R., **Eros e repressão**, p. 30.

²⁰⁹ Cf. MAY, R., **Eros e repressão**, p. 31.

²¹⁰ MAY, R., **Eros e repressão**, p. 343.

²¹¹ Cf. MAY, R., **Eros e repressão**, p. 343.

²¹² MAY, R., **Eros e repressão**, p. 82.

²¹³ Cf. MAY, R., **Eros e repressão**, p. 82.

²¹⁴ MAY, R., **Eros e repressão**, pp. 336-337.

²¹⁵ Esta expressão será explorada a partir do texto de AVENATTI PALUMBO, C., El language poético místico como figura de mediación em El diálogo interdisciplinario entre literatura y teología. **Atualidade teológica**, ano XV, n. 39. Rio de Janeiro: PUC/Letra Capital, 2011, pp. 447-457.

ser a poética adeliana. É uma cristologia *em abertura* ao sensível do humano, por isso toca, afeta e pode transformar.

Concluindo

Aprofundamos nesse capítulo a reflexão sobre a poesia mística e cristológica na obra de Adélia Prado – cristologia *teopoética*. Jonathan/Jesus é a encarnação do afeto, do Deus que ama, convive e se relaciona com o ser humano. A personagem recupera a dimensão de um Deus que ficou oculto pelos tratados teológicos; um Deus que foi posto à sombra de “pessoas extraordinárias”, de uma elite espiritual, assim considerados “os místicos” após a separação ocorrida entre teologia e espiritualidade como já referida na abertura deste capítulo.

Entretanto a mística não se encontra apenas nos mosteiros e conventos onde reina a vida contemplativa. Neste sentido, nossa pesquisa - que já identificou no primeiro capítulo vestígios do *Mysterium tremendum e fascinans* - ocupou-se em desenvolver o perfil de um Deus poetizado, Jonathan/Jesus – o modo poético de salvação. Verbo poético encarnado, Sagrada Humanidade – máximo de Poesia possível, máximo de Beleza possível. O modo poético de sentir Deus. Um Deus de sentido – “poesia sois Vós, ó Deus / eu busco vos servir”²¹⁶.

A obra de Adélia Prado resgata pela palavra a intrínseca relação entre mística e teo(cristo)logia. Um resgate realizado através da poesia – “a poesia me salvará”. E a poeta leva a sério a salvação pela poesia: “Frigoríficos são horríveis / mas devo poetizá-los / para que nada escape à redenção: / Frigoríficos do Jibóia / Carne fresca / preço jóia”²¹⁷. A poesia e a mística que ficaram alienadas na ciência teológica parece preservadas no cotidiano da vida.

Poéticas e proféticas, as palavras sempre esbarram no mistério. Para fazer jus ao paradoxo da mística e da linguagem poética, a conclusão não conclui, apofaticamente silencia e espreita a poesia - “se um dia puder / nem escrevo um livro”²¹⁸.

²¹⁶ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 282.

²¹⁷ PRADO, A., *Poesia reunida*, pp. 326-327.

²¹⁸ PRADO, A., *Poesia reunida*, p. 16.